



3 1761 08111605 5

FR. JOAQUIM SOARES

---

COMPENDIO HISTORICO

LC  
231  
56











*Sig. for publicação este volume*

# COMPENDIO HISTORICO

DOS ACONTECIMENTOS MAIS CELEBRES, MOTIVADOS PELA REVOLU-  
ÇÃO DE FRANÇA, E PRINCIPALMENTE DESDE A ENTRADA  
DOS FRANCEZES EM PORTUGAL ATÉ A SEGUNDA RESTAURAÇÃO  
DESTE, E GLORIOSA ACCLAMAÇÃO DO PRINCIPE REGENTE  
O SERENISSIMO SENHOR D. JOÃO VI :

O F F E R E C I D O

AO EXCELLENTISSIMO E REVERENDISSIMO SENHOR

D. ANTONIO DE S. JOSÉ DE CASTRO,

MONGE DE S. BRUNO, POR MERCÊ DE DEOS, E DA SANTA SÉ APOSTOLICA  
BISPO DO PORTO, DO CONSELHO DE S. A. R., PRESIDENTE DA JUNTA  
DO SUPREMO GOVERNO DO PORTO :

P O R

FR. JOAQUIM SOARES

DA SAGRADA ORDEM DOS PREGADORES.



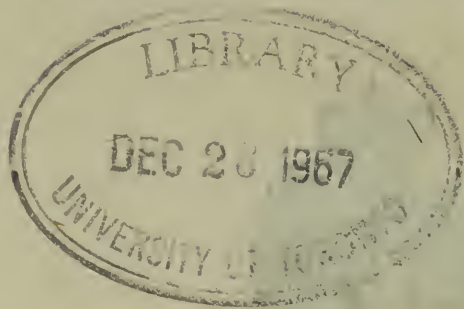
C O I M B R A :

NA REAL IMPRENSA DA UNIVERSIDADE.

1808.

*Com licença do Governo.*

DC  
231  
56





**E**U tomo a confiança d'offerecer a V. Ex.<sup>a</sup> R.<sup>ma</sup> o fruto dos trabalhos, que fiz n'aquellas horas, que me restão das obrigações religiosas. E a quem com mais razão e justiça devo eu dedicar este Escrito, do que a V. Ex.<sup>a</sup> R.<sup>ma</sup>, cujo Nome só lhe attrabe a attenção, e estima, de que pelo seu Author se não faz digno!

V. Ex.<sup>a</sup> R.<sup>ma</sup>, descendente d'antiga e esclarecida Linhagem dos Condes de Rezende, esmalta os altos feitos, as gloriosas acções que estes fizerão, com as virtudes taes, quaes recommenda S. Paulo deve ter hum Bispo, que em V. Ex.<sup>a</sup> R.<sup>ma</sup> tanto brilbão, e lhe concilião a veneração, o amor, e respeito não só do Porto, mas de Portugal inteiro; e augmenta o seu lustre, a sua gloria, a da sua distincta Casa, a de Portugal, e a da Igreja pelos talentos politicos (mas politicos christãos) que tem mostrado nas tão criticas circumstancias, em que, em nome do nosso Augusto e amado PRINCIPE, lhe foi confiado o Governo deste Reino.

Tendo pois V. Ex.<sup>a</sup> R.<sup>ma</sup> tanta parte nesta obra, de que tratão os meus escritos; por este, e por todos os titulos, já de Prelado que amo, e respeito, já de Protector que preso, já pelos beneficios que tenbo recebido, lhe devia tributar esta homenagem da minha gratidão. Queira V. Ex.<sup>a</sup> R.<sup>ma</sup>, desculpando os defeitos, aceita-la.

Ex.<sup>mo</sup> e R.<sup>mo</sup> Senhor

Beija a sagrada mão de V. Ex.<sup>a</sup> R.<sup>ma</sup>

o subdito mais reverente

Fr. Joaquim Soares.

# S U M M A R I O

## D O P R I M E I R O T O M O .

**S**ystema Jacobinico , causa da Revolução de França. Desordens motivadas por esta Revolução. Onde chegaram. Aparece Bonaparte. Seu character. Faz-se primeiro Consul da República Franceza. He acclamado Imperador. Projectos que fórma. Como os conclue. Como lhe falharão. Partida do Principe Regente para as Americas. Entrada dos Francezes em Portugal. Com que pretexto. Como forão recebidos. O que fizerão. Partida da Deputação para Bayonna de França. O que de lá mandarão dizer. Votos feitos em consequencia do que dizião. Cessão dos Reis d'Hespanha do Throno. Prisão dos Francezes no Porto. Entrega dos Hespanhoes por Carrafa. O que se fez no Porto neste meio tempo. Restauração de Portugal. Onde começou. Onde continuou. Espera dos Francezes no Porto. Erige-se o Supremo Governo. Os Membros de que se compõe. Suas qualidades. Chegada de Loason a Mezaõfrio. Fugida dos Francezes. Quem os perseguio , e venceo. Despojos da batalha. Restauração da Beira alta. Restauração de Coimbra. Da Figueira. Por quem. O que fizerão os Estudantes. Nuvens que se levantão. Mancha de Mariz. Proclama Junot. Preces , e acções de graças. Marcha do Exercito.



# COMPENDIO HISTORICO

DOS ACONTECIMENTOS MAIS CELEBRES MOTIVADOS PELA REVOLUÇÃO DE FRANÇA, E PRINCIPALMENTE DESDE A ENTRADA DOS FRANCEZES EM PORTUGAL ATÉ A SEGUNDA RESTAURAÇÃO DESTA, E GLORIOSA ACCLAMAÇÃO DO PRINCIPE REGENTE, O SERENISSIMO SENHOR D. JOÃO VI.

A Europa vio no fim do Seculo passado { huma Re-  
volução tramada por cerebros escaldados, cujo alvo era Systema Jacobinico, causa da Revolução da França.  
arrazar o Altar, e o Throno. Não foi porém em 1789, que ella se forjou: muitos annos antes homens ímpios, e insociaes espalhando libellos famosos procuravão franquear as saudaveis barreiras das Leis Divinas, e Humanas; e valendo-se do grande nome *Natureza*, sem mesmo conhecerem seus direitos, e suas leis, que gravadas no coração do homem pelo seu mesmo Author o fazem caminhar ao bem, á paz, e á felicidade, confundindo a liberdade com a licença, a igualdade com as leis agrarias, e suffocando os dictames da sã razão, que percebe a verdadeira liberdade no despotismo das leis, e a felicidade do homem social no sacrificio quasi inteiro da sua independencia natural; induzião os povos, e as nações a ter como mentira a Santa e Divina Religião de Jesus Christo, e como quimeras todas as leis civís; e a nada menos tendião, que a tornar o homem ao estado selvagem, do que o tirou o imperio das artes, e das leis, e reduzir os povos ao furor d'anarquia.

Esta começou, levantando-se em *França* a fatal voz Desordens motivadas pela Revolução.  
*Morra o Tyranno, acabe-se a superstição* ( assim chamavão ao Sacerdocio ) e a *Realeza*: cuja voz, como a d'hum trovão correndo, retumbou em toda a nação *Franceza*, annunciando o raio estragador, que em toda ella fez estragos,

Onde chegarão as desordens.

ruínas, e mortes, depois da morte de *Luiz XVI*. Daqui começarão a correr rios de sangue, daqui nascerão todos os horrores por onde passou essa nação infeliz; cuja corrente furiosa correndo de Reino em Reino, de Nação em Nação chegou a *Hollanda, Paizes Baixos, Alemanha, Austria, Boemia, Hungria, Italia, Genova, Veneza, Sardenha, Napoles, Roma, Dinamarca, Polonia, Prussia*, ás partes da *Russia*, alagou quasi toda a *Europa*, e até chegou a *Asia*. O veneno, embrulhado em papeis á muito tempo espalhados, foi bebido por todos aquelles, que erão propensos a ser inimigos da Religião, e da Sociedade, e como o numero dos loucos he infinito, forão infinitos os que o gostarão, que só conhecêrão sua amargura, quando sentirão seus effeitos terriveis.

Aparece Bonaparte.

Character de Bonaparte.

Bonaparte primeiro Consul, e Imperador.

Envolto nesta levada alagadora appareceu hum monstro (Bonaparte) nascido em *Ajacio*, pequena Cidade de *Corsica*, gerado pela ambição, perfidia, e tyrannia, nutrido com o leite da irreligião, immoralidade, e mentira, e embalado pela fortuna, e atrevimento; que mascarando-se com a capa do amor republicano, do apego á Religião Catholica, e d'afeição ao bem, e gloria da *França*, soube por este modo fazer-se Primeiro Consul da Republica Franceza; logo depois destrui-la; e acclamar-se *Imperador dos Francezes, e Rei d'Italia*. Para melhor occultar seus sentimentos malvados, e segurar o Throno, amoldando-se ás ideas de muitos, fez vir *Pio VII*. de *Roma* a *Paris* pôr-lhe a Corôa na cabeça, e derramar-lhe o sagrado oleo. Os *Francezes* consentirão nesta coroação, e foi o grande castigo imposto pelo Ceo ao seu delirio; pois quando Deos quer castigar huma Nação da-lhe hum Rei máo, e que come a toda a hora.

Tomando então o nome de *Napoleão*, que será tido pelas gerações presentes, e futuras, superior em maldade aos *Neros*, aos *Caligulas*, e a quantos Dêspotas, e Tyrannos governarão os Imperios dos *Egyptcios*, dos *Medos*, dos *Persas*, dos *Asyrios*, dos *Gregos*, e *Romanos*; este flagello da humanidade, este hypocrita manhoso, cobrindo com pelle de mansa ovelha as entranhas do mais esfaimado e ferino lobo, concebeo logo a fanatica idéa de se fazer

Senhor de todo o Mundo ; e com esta proferio a execranda sentença d'extinguir a Dynastia dos *Borbões*. Para conseguir estes fins , não houve Lei por mais sagrada , que não transgredisse , direito por mais forte , que não calcasse , tratado por mais solemne , que não rompesse ; alliança por mais firme , que não espezinhasse ; crimes , e maldades , por mais atrozes , que não commettesse.

Projectes de Bonaparte.

Como es conclue.

Hum plano tão atrevido , e horroroso , como o de acabar com os Reis e Soberanos antigos d'Europa , para sobre os seus Thronos collocar huma vil corja d'Irmãos , e Parentes , iguais a elle em sentimentos , e character , pedia grandes forças para o pôr em prática , e já não erão os tempos d'*Alexandre* : a População estava muito crescida ; as tropas mui disciplinadas ; as marinhas mui poderosas ; e os póvos mui policiados : não podendo então com aquelles concluir o seu projecto , he aos Pais que o gerarão que elle recorre ; he ás traições , á mentira , ás compras , e ao terror panico que elle se apega , e tudo isto apoiado n'huma vil tropa de *Partidistas* despídos d'honra , e de Religião , infieis á Patria , e aos seus legitimos Soberanos , he que davão ao seu fraco , e apoucado exercito isso , a que elle , e os seus chamão *victorias* , e *conquistas*.

A inveja que a *França* sempre teve á *Grã-Bretanha* , por esta fazer hum commercio superior áquella , foi sempre o motivo de rivalidade , e odio das duas Nações ; este refinando em *Napoleão* , porque a *Inglaterra* desde o principio conheceo seu systema , não o reconheceo Imperador , (nem a *Suessia*) desconcertou seus planos , e lhe fez a guerra mais activa , e vigorosa , era outro titulo , pelo qual se queria fazer *Protector* dos Reis , e como tal lhe hia roubando as Corôas.

As bellas , e lisongeiras palavras , *Protecção* , e *Felicidade* , com as por elle tão decantadas victorias de *Marengo* , d'*Austerlitz* , d'*Eydau* , de *Jena* , e *Fridland* , em tudo quasi conformes á d'*Abrantes* , onde disse forão mortos 20:000 *Portuguezes* , quando se não desparou nem hum só tiro , erão os argumentos fortes , com que enganava huns , e aterrava outros ; nunca porém illudio os verdadeiros sabios , nem derrancou o póvo ; este sempre

se conservou são, e aquelles firmes na idéa que formação deste *salteador* do mundo, e seus sequazes.

Deste modo roubou o Throno de *Napoles* a *Fernando IV.* para nelle sentar *José Bonaparte.* O de *Hollanda* ao *Staduder* para dar a *Luiz Bonaparte.* O da *Polonia* aos seus antigos Soberanos, aos quaes para illudir os *Polacos*; que tanto o suspiravão, dizia hia restituir a Coroa, e o Throno, e sobre o qual collocou *Feronymo Bonaparte* a quem deu o nome de Rei de *Westfalia.* Deste modo se assenhoreou da *Italia*, enganou a Rainha d'*Etruria*, e fez fugir o *Papa.* Deste modo em fim tirou Principados a quem pertencião, e fez Principes todos aquelles, que como elle erão indignos deste augusto character; os quaes todos erão mais huns escravos da sua vontade, do que Soberanos em seus Estados.

Assim foi praticando seu systema maldito, illudindo os póvos, calcando a Religião, e roubando tudo: fazendo-se *Atheo* com os *Atheos*, *Mabometano* com os *Mabometanos*, *Judeo* com os *Judeos*, e fingindo-se *Catholico* com os *Catholicos.* Era huma fieira de crimes, tamanhos e tão negros, que a Historia não conta outros, a debil base sobre que estabeleceo seu Throno, que por elle se podia vêr, que não seria muita a sua duração; porque, aindaque a elevação do impio sobrepuja os cedros do *Libano*, a sua duração he tão momentanea, que aquelle que passa, e volta, ja o não vê, procura-o, e nem acha o lugar onde existio.

O homem, quando perde os sentimentos d'honra e de Religião, he capaz de tudo. Tal era *Bonaparte*: ingrato sem moralidade, atrevido sem politica, procurando substituir a ideas solidas ideas, e direitos totalmente alheios da sociedade, da Religião, e da natureza; ambicioso sem limites, esbarrou quando hia a dar o mais infame, aleivoso, e atrevido dos passos, e vio desde então desandar-lhe a roda, que tanto a seu gráo tinha corrido. Querendo usurpar os Thronos de *Portugal*, e *Hespanha*, como tinha feito ás outras Potencias, vio baldado o seu plano, e cahir-lhe sobre a cabeça a ardilosa seta, que atirava sobre a dos outros.



O augusto, e bemfazejo Príncipe de *Portugal* (hum dos unicos na Europa, sobre quem *Napoleão* não poz a vista, e que conheceo perfeitamente suas cabalas) não podendo, apesar de exhaurir seus Erarios, de o brindar com ricos presentes, e de fechar os Pórtos á nossa antiga e leal Alliada a *Grã-Bretanha*, para manter a paz entre seus fieis Vassallos, e evitar que os *Francezes* viessem a *Portugal* trazer a miseria, a dessolação, e a morte, que tinhão levado aos outros Paizes; não podendo remover *Napoleão* deste projecto, determinou-se transportar ás *Americas*, e com este passo, o mais acertado, que S. A. R. deo, deo hum golpe tal ao seu ensanguentado Throno, que ficou logo a tremer, e com elle a Europa toda, por vêr estagnado o seu comércio, e estancadas as fontes donde corria o ouro, e a prata.

Como fallarão os projectos de Bot. aparte.

Foi no dia 29 de Novembro de 1807 que o Príncipe Regente se fez á véla: no dia 30 do mesmo entrou *Junot* em *Lisboa* com 5 até 6:000 homens: neste dia choverão pedras, soltou o mar os seus limites, e houve huma trovoadá medonha, tristes presagios sem duvida das desgraças, que com a vinda dos *Francezes* vierão sobre *Portugal*; e se logo não forão rechaçados com aquella coragem, e bravura que he natural aos *Portuguezes*, aguilhoada então pela saudade immensa que causou a ausencia do nosso querido Príncipe, e de toda a Real Familia; foi porque S. A. R. antes de partir ordenou, que os tratassemos como amigos, pois como taes elles dizião entravão, a defender-nos dos insultos, e escravidão dos malignos *Inglezes*. Tal foi o pretexto que *Napoleão* buscou para nos illudir; mas pretexto frivolo que todos claramente conhecião, e dizião altamente „ que ninguem cá o chamou, e que ninguem queria a sua protecção, „ talvez presagiando, que *Protecção Franceza* he o mesmo que roubo, se bem que inda a não tinhão experimentado.

Partida do P. R. de Portugal para as Americas. Entrada dos Francezes em Portugal.

Pretextos que buscão.

Porém não tardou muito: *Junot* tirou depressa á mascara, com que cobria sua traição e alcivosia. Pareceu-lhe que a retirada de S. A. R. para o Rio de *Janeiro* lhes dava direito á Coroa de *Portugal* ( como se hum

Monarcha não possa estar em qualquer parte dos seus Dominios, que bem muito lhe pareça) e não obstante deixar o Principe huma Regencia, que durante a sua ausencia governasse estes Estados, *Junot* começou em nome de *Napoleão* a decretar, a pôr, e a dispôr de tudo com a maior audacia, e descaramento que se tem visto, principalmente entre Nações civilisadas. Foi logo imposta sobre *Lisboa* huma contribuição de dous milhões de cruzados: os mercadores forão obrigados a dar pannos, e linhos para vestir sua rota, e desprezível tropa, que entrando successivamente depois de *Junot* chegaria até 25:000 homens, que para fazer persuadir que era hum numeroso exercito, os que entravão hoje sahião de noite, e tornavão a entrar a manhã. O Erario passou a ser roubado antes, que governado por *Hermann*, que foi feito Ministro das Finanças: as tropas *Portuguezas* humas forão licenciadas, outras levarão baixa, e o segundo Regimento do *Porto*, que no *Rossilhão* tinha batido os *Francezes*, e os tinha feito tremer, e fugir, depois de cruelmente serem arcabusados na Villa das *Caldas da Rainha* 6 soldados e 3 paisanos por *Loason* (vulgo maneta), foi extinto: a nação toda foi desarmada, e isto com a maior pressa; porque os cõbârdes *Francezes* só são atrevidos, e bravos entre pòvos que não tem armas.

Como forão  
recebidos os  
Francezes

O que fizeram os Francezes.

Apesar destes desaforos, em virtude das ordens do Principe, erão os *Francezes* recebidos com os braços abertos, (mas os corações fechados) e tratados como amigos, abrindo-lhe as portas, estendendo-lhe generosamente as mesas, e dando-lhe leitões para dormirem. Porém os beneficios pezão muito ao ingrato: não obstante tudo isto, erão passados pouco mais de dous mezes, que estes amigos se tornarão em *Conquistadores*, (por cuja *Conquista* foi feito *Junot Duque d'Abrantes*) e estes *Protectores* n'huns refinados ladrões. Apareceo hum Decreto de *Napoleão* datado em *Milão*, declarando que tomava *Portugal* debaixo da sua *Protecção omnipotente*, e em consequencia desta, que a Casa de Bragança acabava de reinar em *Portugal*, que serião sequestrados todos bens da Corôa, do Infantado, da Casa de Bragança, e todos os Prin-

cipes que comem apanagios, e de todos aquelles que acompanharão S. A. R.

Outro sim, que seria imposta huma *Contribuição* extraordinaria de guerra sobre o Reino de *Portugal* de quarenta milhões de cruzados, para servir de resgate a todas as propriedades de qualquer natureza que fossem. Logo que appareceu este Decreto foi desfeita a *Regencia*, e tomou *Junot* as redeas do Governo, reservando sómente para Ajudantes dos ministros *Francezes*, que fez, alguns *Portuguezes*; e prometteo logo a felicidade a *Portugal*, augmentando a agricultura, rompendo canais, livrando a Religião de superstições, &c. &c.

Eis-aqui como começou a proteger-nos, e a felicitar-nos: forão roubados os Templos, estancado o Comércio, paradas as manufacturas, enfraquecida a lavoira, e multiplicada a mendicidade, as ruas andavão cobertas de mendigos; em summa os ricos estavão pobres, e os pobres mortos: as injustiças erão sobre escandalosas continuadas, e a tudo isto vinha pôr a Tyrannia o seu cunho de sangue, tendo resolvido os monstros *Napoleão*, e *Junot* acabar com todos os verdadeiros *Portuguezes*, sindicando por toda a parte de todos aquelles, que fallavão a favor do Principe, e contra o Governo *Francez*; e até prohibindo embarcar para aquelle. Era isto sem duvida, além do seu barbaro systema, effeito de desesperação em que o pôz a partida do Principe, desarranjando-lhe de todo o seu plano. Apesar da preça com que *Junot* marchava a *Lisboa*, mil difficuldades insurmontaveis já das chuvas, já da innundação do *Zezere* impedirão a brevidade da sua marcha; vigiando assim a Providencia sobre o Principe de *Portugal*, e Real Familia, para lhe dar tempõ a embarcar, e não ser preza por aquelle ingrato, para os remetter á *França*, como depois fizerão á Casa reinante em *Hespanha*.

Mas quanto temeraria, e bem arriscada não era esta empreza! Só hum homem tão ingrato, tão fatuo, e atrevido, como *Junot*, se podia encarregar della, e pagar assim ao Principe de *Portugal* os beneficios que lhe fez, e a *Commenda*, que lhe deo quando estava por Embaixador

na Côrte de *Lisboa*. *Junot*, inda que certo no partido Jacobinico, devia saber que os *Portuguezes* amão extremamente o seu Monarcha, e que primeiro seria arrazada *Lisboa*, e com ella *Portugal* inteiro; que primeiro correria o sangue *Francez* de mistura com o *Portuguez*; que primeiro elle, e os seus serião feitos em póstas, do que arrancar o Soberano do nosso seio. Se elle fosse mais instruido na *Historia Portugueza* não viria a huma nação, a unica no mundo, que resistio corajosamente aos *Romanos*, e que se estes a vencêrão, foi porque atraçoadamente se asenhorearão dos famosos *Settorio*, e *Viriato*; que forão os *Portuguezes* os primeiros que domarão a braveza dos mares, calcularão o seu pezo, e a sua medida; que forão *Conquistadores* (mas não como os *Francezes*) n' *Africa*, e n' *Asia*; que desfizerão Exercitos *Agarenos*, derrotarão humas vezes os *Hespanboes*, e outras os forão auxiliar; que tiverão a coragem de sacudir hum jugo estrangeiro, de pôr, e sustentar sobre seu Throno hum Rei nacional; que nunca desembainharão a espada sem colher a victoria, e o triunfo; e que sempre que a occasião o pede mostrão o valor, a honra, e a fidelidade que he propria do seu character. Podia estar certo *Junot*, que se renovarião em *Portugal* as vespervas *Sicilianas*, se S. A. R. se não embarcasse.

Com tudo, apesar de vêr baldado este atrevido projecto, foi praticando o da *Protecção*; mas tão falto de *Politica*, como o seu *Napoleão*, e totalmente falto de conhecimentos sobre o character dos póvos, sobre o aferro á sua *Religião*, aos seus usos e costumes, ás suas *Leis*, e *Sacerdotes*, hia cada vez mais cavando a sepultura, accendendo, e attrahindo o odio dos *Portuguezes*, como já tinha o d'aquellas Nações sujeitas ao jugo da *França*. O bom politico respeita, e adora aquella *Religião* que professa o Paiz *Conquistado*. Os *Romanos* até fazião levar para *Roma*, e collocar no *Capitolio* os *Deoses* estrangeiros. Os *Francezes* livravão a *Religião* das superstições que a deshonrão, roubando os templos, e arrazando os altares. Os *Sacerdotes* servirão sempre os *Conquistadores* para melhor firmar a sua *authoridade*, e o seu *Imperio*; e por isto, in-

dependente de seu caracter sagrado, erão por elles altamente respeitadas. Os *Francezes* invadião os Claustros, despresavão, e matavão os Sacerdotes. A authoridade dos Bispos foi sempre o mais firme apoio do Throno. Os *Francezes* mofavão, e despresavão esta authoridade grande, e dimanada do mesmo Jesu Christo: assim fizerão ao Bispo de *Castello-Branco*, logo na sua entrada por esta Cidade, e até lhe roubarão a livraria. O Altar, e o Throno devem ser ligados com os mesmos laços. Os *Francezes* querião sustentar este sem o apoio da quelle. Os *Conquistadores* tratarão sempre com doçura, ao menos no principio, os pòvos conquistados. Os *Francezes* exasperavão logo no principio os pòvos por onde passavão, destapando-lhes os toneis de vinho, quebrando-lhes as talhas d'azeite, e queimando-lhes as casas. Que tal he a sua politica! He igual á sua Religião.

Neste meio tempo foi convocada a *Bayonna de França* hum Deputação composta do Bispo de *C Coimbra*, Bispo *Inquisidor Geral*, D. José Prior mór da Ordem militar de S. Bento d'Avís, D. Nuno Alvares Pereira de Mello, Marquez de *Penalva*, Marquez de *Marialva*, Marquez de *Valença*, Marquez d'*Abrantes Pai*, e Filho, D. José Conde de *Sabugal*, Visconde de *Barbacena*, D. Lourenço de *Lima*, Joaquim Alberto *Forge*, e Antonio Thomé de *Silva Leitão*. Foi para lhê insinuar o novo Rei que Napoleão queria dar a *Portugal*: Declara então que não entrou neste Reino, como *Conquistador*: e para que disse na *França* que Junot na batalha d'*Abrantes* derrotou 20:000 *Portuguezes*, e tomara *Portugal*; e mostrou aquelle as Bandeiras que deste mandou ir em testemunho de tal victoria! Para que impôz a *Portugal* hum contribuição tão pezada sem gastar hum cartuxo de polvora! Com que titulo quer dispôr deste Reino! Porque he mentiroso, e he ladrão desmarcado.

Diz mais que, não obstante nada ter contra a Casa de *Bragança*, não consentirá, que esta torne a Reinar em *Portugal*. A ingratição he o primeiro dos crimes, o ingrato, he o maior dos criminosos, os beneficios pezão-lhe tanto, que não cuida senão no modo d'espezinhar aquelle, que o beneficia, e com tanta mais força, quanta he a grandeza

Partida da  
Deputação  
para Bayonna  
de França  
82

dos favores que recebe. Foi este o motivo, porque queria esbulhar o Principe de *Portugal* d'hum Corôa que por direito lhe pertence; e o motivo porque quer pôr entre *Portugal* e o *Brazil* hum muro de separação, e por consequencia deitar a Europa a perder. Do *Brazil* corre o oiro, e a prata que gira n'Europa, o maior Cômércio desta he feito com aquella, e separado hum de outro, vem a ficar a Europa no mesmo estado em que estava, ou peor, antes da descoberta das *Americas*, e os *Europeos* reduzidos todos a hum rebanho de pobres, e desgraçados.

Porém *Napoleão* não discorre deste modo, nem tem hum coração sensível aos males da humanidade. Além do que, pensando elle tirar á Casa de Bragança o Throno de *Portugal*, vai-lhe dar o maior Imperio do mundo, se elle quizer tomar as *Americas Hespanholas*, e junta-las com as *Portuguezas*, e aindaque em ambas he pouca a população em proporção da sua grandeza, em muito pouco tempo ella se augmentaria muito; obrigados os *Europeos* a passar ahi já pela necessidade, já pela perseguição de *Bonaparte*.

A cabeça deste esquentada, e sempre vazia de sãos principios, e solidas ideas, tinha hum pensar totalmente avesso de todos os homens inda os mais ignorantes; ou porque queria reformar o mundo, fallava, e praticava tudo quanto era contrario á sã Filosofia, á boa Moral, á ordem, e á Politica, que he no que consistia a sua reforma. Até agora todos disserão que a População, a Agricultura, o Cômércio erão as Fontes do augmento, e felicidade dos *Imperios*, e que os *Ecclesiasticos* erão inúteis á sociedade em razão de não estarem aptos para commerciar, agricultural, e povoar; esta razão porém não será provada senão depois que virem casados todos aquelles, e aquellas, a quem não prohibe a Lei do Celibato, e estes não fação huma sufficiente população, e cômércio: em quanto a agricultura as terras da Igreja são as mais bem fabricadas; os seus ministros trabalham em manter a Religião, a Paz, e a Justiça, que são as bases sobre as quaes os Thronos descansão seguros, e felizes os povos; recomendão a harmonia que deve reinar entre os

Vassallos , e os Soberanos ; recõmendão , e pregão a obediencia ás Leis , e o desempenho dos deveres de cada hum; he a elles que se deve em grande parte as vistosas campinas , as ricas seáras que hoje nos recreão , e abundão , e que em outro tempo erão medonhas florestas , que só produzião cardos , e espinhos ; e quando se trata de resgatar a Patria correm ás armas : assim o fizerão na primeira restauração de *Portugal* , e o fizerão na segunda. Onde está a sua inutilidade ! Que mais fazem os outros ! Nem tanto. Porém o grande sabio , e reformador *Napoleão* diz , que a pouca população he que faz os Estados florentes , e que só por esta razão he que se devem admitir muitos celibatarios ; e que o Cõmercio não he necessario ; e por consequencia dos seus principios não póde haver Agricultura , ou muito pouca ; porque nem há braços para fabricar as terras , nem há quem mova ao fabrico destas ; pois tirado o Cõmercio basta grangear o preciso ás primeiras necessidades da vida : e tão persuadido estava do seu systema , que depois de ter exaurido a *França* de gente , e acabado nella o Cõmercio , passava a fazer o mesmo n'aquelles paizes , onde por desgraça , ou melhor , onde a Justiça do Céu tinha levado o seu braço de ferro , seu jugo de bronze.

De *Bayonna* enviou a *Deputação* para *Portugal* as declarações de *Bonaparte* , e a pár destas grandes elogios a este grande Imperador pelo bom acolhimento que lhes tinha feito , e o paternal cuidado que tomava no bem , e felicidade dos *Portuguezes* , quanto a Nação estava na sua lembrança , quanto sensibilisara seu coração a extraordinaria *Contribuição de guerra* , que elle já estava informado , que a não podião pagar , e que sobre este ponto lhes havia fazer todo o favor possivel , como se hum ladrão fizesse algum obsequio em não roubar tudo , mas alguma cousa. Tudo isto se fez manifesto por editaes públicos , e com estes vierão outros a manifestar o perdão d'ameda da *Contribuição* (que pelo modo com que fizerão a repartição , com pratas , e ouros das Igrejas , talvez já excedesse o todo) recõmendando de passo quanto os *Portuguezes* devião ser gratos ao Imperador pelo beneficio.

O que a Deputação de Bayonna mandou dizer.

que acaba de fazer-lhes ; mas dizendo que dos particulares se havia indemnisar dos vinte milhões ( era sem dúvida dos bens da Igreja ) ; como porém tudo isto fosse para dispôr os animos a pedir-lhe hum Rei , e os mentirosos *Francezes* nunca cumprirão palavra , ou promessa que fizessem , não tardou muito que não mandassem pedir o segundo terço , prometendo favorecer para o futuro ; cujo favor era sem dúvida tirar todos os bens aos seus possuidores para os dar aos *Francezes* , como constou das cartas de *Napoleão* entregues aos *Generaes* que mandou para *Hespanha* , em que , além de roubar os bens a quem os tinha , começando pelas pessoas mais ricas , e de maior consideração , mandava que remetesse estas , com todos os Ecclesiasticos de qualquer Ordem e Jerarquia para *França* ; e o que recomendava fosse feito em *Hespanha* no dia 6 de Junho de 1808 , dizião se havia fazer em *Portugal* no dia 28 do mesmo ; o que se deve acreditar , attendendo ao character , e consciencia deste *Protector*. A meu vêr , elle tinha determinado acabar com a geração presente quasi toda , e principalmente com todos os homens illuminados , e que podem contar aos seculos , e gerações futuras a sua vileza , os seus desaforos , e crimes inauditos. Que monstro !

Resposta  
ou votos.

Neste meio tempo mandarão-se riscar as Armas da Casa de Bragança , e em muitas partes até se riscarão as do Reino : foi abolida a immuniidade da Igreja : e isto feito , em consequencia do manifesto dos Deputados , e insinuação , ou antes por constrangimento de *Junot* , fizeram as Camaras , os Magistrados , a Nobreza , e o Clero os seus votos , ou declaração sobre pedir hum novo Rei ; mas por mêdo , ou condescendencia , não tendo a affoiteza de resistir ao *Usurpador* , tiverão com tudo a politica de lhe fallar de modo , que elle conhecesse bem , que *Portugal* a nenhum outro pertencia senão aos herdeiros da Casa de Bragança , á qual derão os *Portuguezes* a Corôa , e prestarão fidelidade ; e inda que hum , ou outro por falta d'honra , de nobreza , de Religião , e de luzes pedisse hum Monarcha da impia familia de *Bonaparte* , como se disse ; com tudo deve-se reputar por nada em comparação da Nação inteira ; cujo character honrado , valeroso , e fiel não manchão huns



individuos sem fé, sem character. Pelo voto do Juiz do Povo de *Lisboa*, que aqui escrevo se podem colligir os outros: he o seguinte. „ *Senhores*. A causa por que nos juntámos nesta assemblea, he para o fim de tratar o negocio mais importante da nossa Nação. Este negocio he de pedir, ou eleger hum Rei, ou huma suprema authoridade que nos governe: exige antes que votemos, saber se as nossas deliberações podem prejudicar direitos adquiridos de partes ausentes, e não ouvidas; se podem prejudicar a sua, e a nossa posteridade, e offender a religião dos nossos juramentos, inda não dissolutos, e tentar a Deos Supremo Arbitro do Universo, fonte das legitimas authoridades, que regem o Genero Humano. 1.º ponto = Se este Reino está vago, e recahe na Nação o direito d'eleger Rei, ou de o pedir. 2.º ponto = Se nesta assemblea reside authoridade d'usar deste direito, segundo a nossa Constituição. 3.º ponto = Se o nosso juramento de fidelidade, e homenagem está dissoluto: se agradará a Deos a nossa tentativa. Estes pontos preliminares devem ser discutidos, para que nos seculos futuros se não note termos procedido em negocio tão importante com ligeireza, e falta de reflexão. Longe de nós o terror panico, a podre adulação, que não devem influir em hum acto serio, e deliberativo, que deve ser regido pela razão, e não por apprehensões improprias do homem racional, e politico. O grande Imperador tendo-nos declarado, que neste Reino não houve da sua parte conquista, mas sim huma piedosa protecção, nos dá liberdade para deliberarmos com justiça, e honra, nem d'outra maneira nos deveriamos congregiar para huma deliberação séria, e de tanto pezo. Se com effeito temos direito d'elegermos governo, deve a nossa eleição ser livre; e para o pedir devemos saber se estamos nessas circumstancias, e a quem devemos pedir, e por que modo. Sobre todos estes pontos capitaes he o meu sentimento o que passo a expôr, tomando por guia a verdade, e a justiça. Este Reino não está vago de direito; mas sim de facto: a *Rainha* a quem jurámos fidelidade, e obediencia existe, e igualmente existe o nosso juramento. O impedimento natural da men-

recaptura não lhe tirou o dominio do Reino, e este em qualquer parte onde ella exista o conserva; porque não obrou factu voluntario, ou criminoso que d'elle a privasse, e por sua morte hade passar o Reino, que de sua natureza he hereditario, a quem o confere o direito do sangue, e legitima successão. Seja muito embora privado de succeder o Principe *D. João*, (se se poder provar que a sua retirada foi culpavel) mas o neto mais velho da *Rainha* por menor, ou por innocente não pôde ser privado do direito da successão, segundo a nossa Lei constitucional. A Nação, nas circumstancias em que o Reino se acha, tudo ponderado, tinha direito d'eleger a *Regencia*, que he a que na realidade se pôde julgar vaga; e a faculdade d'usar deste direito he que devemos pedir ao nosso benigno *Protector* com a devida submissão. Se o juramento de fidelidade não se reputar como hum ente imaginario deve religiosamente respeitar-se, e não he do character da Nação ser inconstante, infiel, e perjura. O grande Imperador estranharia a nossa inconstancia, e a facilidade de menos prezar o juramento, que he hum vinculo da Religião, a qual une os Vassallos com o Throno, e he da firmeza deste hum grande apoio. Tentariamos a Deos que rege o Universo, e com a sua Divina Providencia move as causas segundas para obrarem a beneficio do Genero Humano segundo os seus altos designios, se pensassemos, que na actual crise das cousas podiamos, desligados da sua graça, acertar na nossa deliberação a bem da nossa felicidade, e maiormente se offendessemos a Justiça, e a Religião, tomando o atrevimento de decidir sem escrupulo sobre huma Nação inteira, e não ouvida, e sobre direitos certos, e não contradictos. O grande *Napoleão* considerado como Enviado de *Deos Todo Poderoso* para cumprir as suas ordens á cerca do destino das Nações, hade providenciar com todo o bom discernimento, e justiça, segundo a vontade do mesmo *Todo Poderoso*, as nossas necessidades; a elle nos sujeitaremos, com a devida dignidade, e humildade: elle he justo, he benevolo, he em fim homem mandado por *Deos* para fazer o bem, e cumprir os decretos da Di-

vina Providencia. Por tanto devemos confiar nos seus attributos, que olhe piedosamente a nossa desgraçada situação, tendo em vista a nossa resignação, e reverente respeito, com que nos temos sujeitado ao seu alto, e poderoso Imperio, e aos seus justos, e providentes decretos. Não temos que lhe pedir, nem que tratar sobre o nosso assumpto, não devendo mostrar-nos ignorantes no que lhe pedimos: elle melhor do que nós sabe do que necessitamos; accitaremos o que nos der, e se podermos conseguir da sua real beneficencia (movidá por si mesmo) a faculdade d'eleger huma *Regencia Portugueza*, e *Interina*, com o uso das nossas Leis, e costumes, debaixo dos seus auspicios, nada teremos mais que desejar. ,,

Este monumento, que será hum testemunho autentico da honra, e fidelidade *Portugueza*, e do amor ao seu Soberano, deporá tambem (e encherá de confusão quando o lerem) contra todos aquelles, que não mostrárão iguaes sentimentos. Que esperarião estes de *Napoleão*! Sem d'úvida o premio que deo a *Mak*, quando entregou a *Alemanha*, e o que tiverão os Ministros da *Prussia*, e geralmente todos aquelles que tem concorrido para as suas manobras, e perfidias; pois todos os lugares Civís, e Militares, huns já estavam, outros hião a ser occupados por *Francezes*; e os Benefícios, as *Commendas*, e as Dignidades da Igreja hião a acabar. Mas em quanto houverem homens, hão de haver paixões, e partidos: feliz aquelle que seguir o partido da honra, da razão, e da justiça.

Passarão-se seis mezes e meio, em que sobre *Portugal* pezou o jugo de bronze, o systema de sangue destes barbaros, muito peores que *Vandalos*, ou *Hunos*, e *Alanos*. A injustiça, a tyrannia, o roubo, em huma palavra os males todos com que nos carregava o mais descarado usurpador forão desde a entrada de *Junot* em *Lisboa* dispondo todos os animos a sacudir este jugo, logo que se proporcionassem circumstancias favoraveis a faze-lo. Todos fallavão n'Aclamação do Senhor Rei *D. João IV*; mas não se podia resistir a duas grandes Nações combinadas, quaes erão *França*, e *Hespanha*, que com aquella metteo suas tropas em *Portugal*. Maocõmunando-se dividir entre am-

bas este Reino , entrou *Taranco* pelo *Minho* com oito , até nove mil homens , aos quaes se juntarão mais quatro mil , que marchando a *Lisboa* commandados por *Carrafa* debaixo das ordens de *Junot* , e não sendo alli precisos , retrocedêrão para o *Porto* , onde o primeiro veio fazer Quartel General , tomando estas Provincias em nome d'El-Rei d'*Hespanha* ; fazendo o mesmo no *Além-Têjo* , e *Algarves* o *Marquez do Socorro* , que por lá entrou com quatorze a quinze mil praças , cujo governo lhe durou só em quanto não appareceu o Decreto de *Napoleão* , em que se declarou *Protector de Portugal inteiro*. Desde este momento já a *Hespanha* começou a conhecer o engano , e a protecção de seu Alliado. *Taranco* morreo no *Porto* , e ficou governando *Carrafa* em seu lugar ; mas em nome de *Napoleão* , debaixo do qual corrião já todas as Sentenças , e papeis públicos.

Cessão dos  
Reis d'*Hespanha*  
do  
Throno.

Chegarão em fim estas circumstancias tão suspiradas : ou para melhor dizer , o Céu tinha determinado que *Napoleão* levando suas perfidias ao seu cumulo começasse a descair ; e mais que *Atila* , de *Deos* açoute horrendo , tendo açoutado tudo , fosse açoutado elle mesmo. Em *Bayonna* de *França* se acabava de consummar a perfidia , e a ingratição mais monstruosa que virão os seculos. *Carlos IV* , depois de ter feito á *França* os maiores sacrificios , fazendo no *Rossilhon* huma paz nada airosa , fechando logo os Pórtos aos *Inglezes* com grande detrimento do Comércio de seus Vassallos , e direitos da sua Corôa , e ficando por isto privado do ouro , e prata das *Americas* , ou arriscando muito para transportar a *Hespanha* alguma porção , servindo com seus exercitos ás chamadas *Conquistas* de *Napoleão* , e abrindo-lhe francamente seus Erarios , vendo tranquillo ser seu Irmão *Fernando IV* esbulhado da Corôa de *Napoles* , sem lhe prestar soccorro , soffrendo que huma filha a *Rainha* d'*Etruria* fosse cavilosamente lançada fóra deste Reino , e concorrendo com suas tropas para desthronar sua filha a *Princeza* de *Portugal* , sendo este o engano que *Napoleão* offereceo á *Hespanha* para mais facilmente a atraiçoar ; no fim de tudo isto foi chamado á *Bayonna* com seu filho *Fernando VII* , á pouco acclamado

Rei, com o pretexto de este casar com huma sóbrinha do Imperador ; e aqui *Carlos*, *Fernando*, e todos os *Principes*, e *Infantes*, a quem por direito pertencia o Throno, forão obrigados a fazer huma cessão deste em *Napoleão* com a liberdade de dispôr d'elle a favor de quem quizesse. Quem acreditará isto ! Nem eu, se o não visse. Mas com effeito foi certo. Eis-aqui como *Bonaparte* pagou á *Hespanha* os beneficios que lhe tinha feito, e os prejuizos que lhe tinha causado.

Esta traição scandalisou o Céu, e a terra, revoltou todos os espiritos já dispóstos pelos roubos, assassinos, e desaforos, clamou altamente vingança, e chamou em fim ás armas os *Hespanboes*, e logo depois os *Portuguezes*. A *Hespanha* tomou as armas com aquella coragem, e animosidade que inspira a defeza propria das vidas, das fazendas, das honras, da Religião, do Rei, e da Patria, e fez logo sentir aos *Francezes* aquelles golpes terriveis que já em *S. Quintim*, e *Pavia* lhes tinha dado. Hia continuando, e *Portugal* gemia inda em escravidão, tendo muito cuidado os *Francezes* d' occultar a este os fatais successos, que n'aquelle hião experimentando, que apesar de tudo chegavão a nós, e se fizeram mais claros no dia 6 de Junho de 1808. Este foi o dia que annunciou a *Portugal* a sua proxima liberdade ; neste foi prezo pelos *Hespanboes* no *Porto*, onde tinha entrado no fim de Março de 1808, para governar depois de *Carrafa*, o General *Francez Quesnel*, e com este foi tambem preso o *Corregedor Mór*, e todos os *Francezes* que nesta Cidade se achavão, e que tinhão vindo depois de *Quesnel*, para serem empregados em diversas repartições. Escapou com tudo o Delegado da Policia *Perron*, este espião de *Junot*, que levava por cada passaporte 1040, e que exigia tributos dos *Segeiros*, *Arrieiros*, *Botiquineiros*, *Tendeiros*, e até das *Meretrizes* ; cuja marcha seguia *Lagarde* em *Lisboa*, e os mais que occupavão este importante lugar ; em quanto *Junot*, e *Quesnel* reservavão para si os passaportes de maior lote, como d'embarque de vinhos, transportes de pessoas para as *Americas*, ou Reinos estranhos, &c.

Prisão dos  
Francezes  
no Porto.

A prisão foi feita no dia 6, a tempo que os Ministros Corregedor da *Comarca*, Juiz do *Crime*, Juiz d'*Orfãos* começavão por ordens de *Quesnel* a dar parte aos Conventos, para que os Religiosos persuadissem aos pòvos a obediencia, e sujeição ao grande Imperador, e seus enviados; cousa sobre difficultosa mui prejudicial. Queria *Napoleão*, que os ministros da verdade fossem, como elle, mentirosos. Como se podia prestar obediencia, e respeito a hum *Tyranno* que opprime tudo, e a hum *Usurpador* que, sem ao menos hum titulo colorado, se tinha feito *Senhor de Portugal*! E quem havia fazer isto! Aquelles a quem elle tinha mais odio, e queria extinguir. E a quem! A pòvos a quem tanto tinha vexado, e queria estivessem quietos, e calados para vexar de todo. Os Religiosos fizerão-no sim, mas foi pelo contrario. No dia 7 partirão os *Hespanhoes*, levando comsigo os prisioneiros. E o que foi feito no *Porto* se mandou fazer a *Carrafa* em *Lisboa*; porém este comprado pelos *Francezes* entregou-lhe os *Hespanhoes*, e não cumprio com as ordens.

Entrega dos Hespanhoes por *Carrafa*.

O que se fez no *Porto* depois da Prisão dos *Francezes*.

Antes de partir o Brigadeiro *D. Domingos Bellestá*, que no *Porto* cõmandava as tropas *Hespanbalas*, fez convocar a *Camara*, o Brigadeiro *Luiz d'Oliveira da Costa*, e o Chanceller Governador das Justiças *Manoel Francisco da Silva Veiga Magro de Moura*. Este não foi; mas mandou seis magistrados, a saber, o Desembargador *Estanislao José Brandão*, *João de Carvalho Martens da Silva Ferrão*, *Victorino José de Cerveira Botelho do Amaral*, *João Bernardo Cardoso*, *Francisco Sabino da Costa Pinto*, e *Antonio Pedro d'Alcantra Sá Lopes*. Dos Camaristas apparecêrão, o Juiz de Fóra *Luiz Barboza e Mendonça*, e os Vereadores *Bernardo de Mello Vieira da Silva e Menezes*, e *Thomaz da Silva Ferraz*, e appareceo o Brigadeiro *Oliveira*. Na presença destes fez a seguinte falla = Quando entrei neste Reino livres os achei, e agora retirando-me livres os quero deixar; resta-me porém saber o Governo que querem, se *Portuguez* com a Casa de *Bragança*, se *Francez* = Ao que logo respondeo o Vereador *Ferraz* = Eu, a *Camara*, e a *Cidade* nada mais desejo, que o seu

antigo , e suspirado Governo do P. R. N. S. , e requeremos, que immediatamente seja restabelecido , que logo se descubraõ as Reaes Armas, arvorem as Reaes Bandeiras ; e todos os Processos se fação em seu Augusto Nome : = e depois de certa contestação todos convierão , e concertarão , que se arvorassem os Reaes Estandartes , como com effeito se fez no seguinte dia 7 de Junho.

O Imperio da opinião he sem dúvida o mais poderoso , e adquire tanto mais prepotencia sobre os homens, quanto d'ordinario elles são superficiaes , faltos d'idêas solidas , e de sãos principios , dos quaes possão deduzir certas , e legitimas conclusões. Fosse a opinião que havia das grandes forças de *Bonaparte* , sem pensarem que, se as tivesse , as teria mandado para *Hespanha* , e *Portugal* , tanto para manter seu governo tyranno , como para os sustentar á custa destas Nações ; fosse a ignorancia do pé que a *Hespanha* tinha tomado , ou dúvida sobre as noticias que d'alli vinhão : seja o que for ; he certo, que durou apenas tres dias a convenção acima determinada. A Camara, em virtude d'hum Officio que *Bellestá* deixou, para ser por ella remettido a *Junot* , lhe enviou a noticia da prisão de *Quesnel* , não podendo deixar de o fazer, quando remettedo o dito Officio ; e *Oliveira* mandou-lhe a mesma noticia , e no em tanto mandou arrear as Bandeiras , e prender o Major *Raymundo José Pinheiro* pela ter arvorado no Castello da *Fós* : o mesmo fez o Superintendente d'Alfandega ao filho do *Patrão Mór* pela ter arvorado na Ponte, e continuou-se a governar em nome de *Napoleão*.

No mesmo dia 7 mandou o Brigadeiro, e interino Governador *Oliveira* convocar o resto dos Milicianos dos Regimentos de *Penafiel* , *Maia* , e *Porto* , para fazerem a Guarnição da Cidade, que com effeito estiverão fazendo até o dia 18 de *Junho* , e continuarão em quanto não houverão outras tropas ; dispensou porém do serviço os Officiaes maiores , dizendo que por ora não erão precisos , pois que aquelles Corpos não ficavão como Regimentos completos , e inteiros ; mas sim em companhias debaixo dos seus respetivos Officiaes , e que até á segunda or-

dem nada mais tinham a fazer , senão o serviço de garantir a Cidade.

No em tanto esperava-se a cada Correio a noticia da prisão de *Junot* , quando chegou a da entrega que *Carrafa* , tinha feito dos *Hespanboes* , (Deos não queria dar a outros a gloria que reservava aos *Portuguezes* de restaurarem a sua Patria ) e com ella Editaes de *Junot* , em que mostrava quanto estava escandalizado pelo atrevimento que *Bellestá* tinha tido em prender o bravo *Quesnel* ; pedindo que tomassem interesse neste escandalo , e prometendo que *Bellestá* não tornaria mais a pôr os pés nesta Cidade ; e recõmendando juntamente muito aos Ministros , que nem por fumo consentissem , que se fallasse no nome do Principe desterrado , (assim tratava o nosso Augusto Soberano , e tanto conhecia o amor que lhe tinhamos ) e ordenando tambem que se devassasse de todos aquelles que fomentassem revolta contra *Napoleão* , ou fallassem contra elle ; porém fallava d'hum modo tal , que deixava bem conhecer a desordem em que estava.

Isto não obstante , rasgarão-se os Editaes , cresceo a fermentação , e dispozerão-se todos para calcar seu jugo , logo que se pronunciasse o primeiro Viva , que não tardou muito. Para isto concorreo muito huma Proclamação do Desembargador *José Feliciano da Rocha Gameiro* , que appareceo no dia do Corpo de Deos 16 de *Junho* , (neste dia esteve para se fazer a Restauração ) em que convidava o Clero , a Nobreza , e o Povo a fazer esta acção ; hum Religioso Dominicano ; e hum da Ordem de S. Jeronymo chamado *Fr. Antonio Mosqueira* ; *José Filippe Mosqueira* ; *Anacleto José Mosqueira* ; e o Congregado *Bitancourt*. Todos estes , todas as tardes , ou quasi todas ; e *José Joaquim Couceiro* se ajuntavão em casa do Desembargador *Joaquim Rodrigues Botelho* , que era como o chefe desta assemblea , amante do Principe Regente : aqui sempre se ralhou altamente contra *Napoleão* , seu Governo , e Emissarios , apesar das prohibições , e espias : aqui depois de cada hum indagar as novidades que havia , as vinha contar fielmente , e depois sahia passear humas vezes pela porta de *Quesnel* , e outras do Corregedor Mór , mofan-



do sempre dos taes tratantes : eis-aqui , porque as cabeças destes estavam condemnadas á guilhotina , e para não ter a mesma sorte foi avisado o Desembargador *Luiz Thomaz Velloso* para não tornar áquella casa. Antes da prisão de *Quesnel* alguns intentarão mata-lo com o Corregedor Mór , e Policia. Desta opinião erão o *Dominicano* , *Botelho* , e *Couceiro* , para cujo fim tomarão algumas medidas , como tambem a de embarcar , no caso que sahissem mal da empreza , para o que já se tinha fallado a *Raymundo* para ter a embarcação prompta ; e logo que *Quesnel* foi preso , houve huma alegria immensa. Esta noticia dada de tarde pelo *Dominicano* , e verificada á noite por este , e *Couceiro* , que forão observar , foi festejada com *Te Deum* por todos os da sociedade , e pelos Desembargadores *Luiz de Sequira da Gama Ayala* , e *João de Figueiredo* , que nesta occasião alli se acharão , como tambem os Desembargadores *João Pires* , e *João Angelo Marques*. Depois da prisão de *Quesnel* tratou-se de fazer a Restauração : para isto escreveu *Gameiro* , tendo-o já feito o Desembargador *Mosqueira* , ao Arcebispo de *Braga* , para que este convocando os Generaes das Provincias os empenhasse a esta empreza ; e no caso que elles não quizessem , ou o Arcebispo recusasse o que se pedia , estava determinado ir pedir-se ao Governo de *Galiza* tres , ou quatro mil homens para com elles se fazer. Tratava-se disto , quando chegou a noticia da aclamação feita por *Manoel Forge Gomes de Sepulveda*.

Este Tenente General , cujo nome ficará d'aqui em diante a pár dos *Pereiras* , dos *Castros* , e *Albuquerque* , foi o primeiro , que deo signal á Restauração , dizendo com todo o *Tras-os-montes* : *Viva o Principe de Portugal* : cuja voz foi repetida no *Porto* por *Mariz* , e d'aqui , como huma fresca , e bemfaseja corrente , passou a banhar , e refrescar todo o Reino sequioso de paz , de justiça , d'abundancia , e felicidade , que com S. A. R. se transportarão para o Rio de Janeiro.

Antes da prisão de *Quesnel* tinha *Junot* destacado de *Lisboa* para *Almeida Loasen* com 5 : 000 homens. Dizia-se , que era para ir auxiliar os *Francezes* de *Hespanha* , e

principalmente *Murat*, que se achava em perigo; e tão insensato que, persuadindo-se que os *Portuguezes* tomarão a sua causa contra os *Hespanboes*, tinha para este fim estipulado o soldo para a tropa que queria erigir debaixo do commando d'Officiaes *Francezes*, e mandado ordens para o recrutamento, que já em algumas partes se começavam a cumprir. Logo porém que soube da prisão de *Quesnel*, mandou a *Loason*, que *d'Almeida* marchasse sobre o *Porto* governar esta Cidade, e Provincias, fazer o recrutamento projectado, ( e também para ir para *França*) e decapitar huma multidão de gente, que fallava altamente contra os *Francezes*, apezar da devassa mandada tirar por *Junot*, (para o que trazia guilhotinas, e outros instrumentos) e cujos nomes estavam alistados pelos *Jacobinos*, para serem dados áquelle lobo esfaimado de sangue, e crueldades; porém o Céu quiz que a innocencia triumphasse, e o crime começasse a ser punido.

Restaura-  
ção de Por-  
tugal, come-  
çada em  
Bragança.

No dia 14 de *Junho* de 1808 chegou ao *Porto* a gostosa noticia de ter feito o Tenente General *Sepulveda* em *Bragança* a Restauração, e Acclamação do Principe Regente no dia 12 do mesmo, e a mandar fazer em todo o seu Partido, passando juntamente a escrever ao Brigadeiro *Luiz d'Oliveira*, para que no *Porto* seguisse o seu exemplo; o qual, não tomado por este, foi abraçado pelo Capitão d'Artilharia *João Manoel de Mariz*, e com tanta mais pressa, quanto se dizia, que os *Francezes* estavam a entrar nesta Cidade.

Restauração  
continuada  
no Porto.

O dia 18 de *Junho* de 1808, que fará maior época nos fastos *Lusitanos*, e maior admiração nas Nações, e idades, do que o dia 1.º de *Dezembro* de 1640, foi o dia da Restauração do *Porto*, e com este da de *Portugal*; e a Acclamação do Senhor *D. João VI* Principe Regente será mais memoravel, que a do Senhor Rei *D. João IV*, pela triste situação em que se achava a Nação *Portugueza*, sem armas, sem soldadesca, cheia d'huma tropa cruel, opressora e inimiga, e de hum grande partido *Jacobinico*, que reunido pelo crime com os *Francezes*, provocavam, como elles, o desprezo das Leis, a destruição da honra, e da fidelidade ao legitimo Soberano, a queda das

mãnufacturas, das artes, dos talentos, e da virtude, a perda de seus Concidadãos, e a pilhagem das propriedades.

Depois d'huma tão tormentosa tempestade amanheceo este dia sereno, e risonho. Por todo elle se esperavão os *Francezes*, e também se dizia, que vinhão os *Hespanboes* fazer o que na sua retirada tinhão recõmendado, e não fizeram os encarregados do Governo no *Porto*; era porém, e dava-se por mais certa a vinda dos *Francezes*, que *Junot* tinha mandado dizer partião breve, sem dizer donde; e nesta persuasão estavão todos. Erão 6 para as 7 horas da tarde, quando nos armazens do Assento, ao pé do Rio Douro, começou hum motim popular dizendo, que nesta noite vinha pernoitar aos *Carvalhos*, lugar distante do *Porto* 2 legoas, huma columna *Franceza*, e que no mesmo Assento havia ordem para apromptar 3:000 raçãoes. O receio destes barbaros, a certeza dos insultos, e tyrannias que commettião, a desconfiança do que vinhão praticar, (porque os seus partidistas dizião, que em breve se havia jogar a bola com as cabeças dos *Portuquêzes*) fez gritar o povo: *Abi vem os Francezes, Abi vem os Francezes.*

Destes gritos, e indisposições, que já antes se vião contra aquelles monstros, lançarão mão os Artilheiros, receosos também, que lhes succedesse o mesmo; que aconteceu aos Soldados do segundo Regimento do *Porto*, cuja sorte, lhe estava destinada por deixarem prender *Quesnel*. Erão pouco mais das mesmas horas, e estava bastante gente na Praça dos Quarteis de *Santo Ouvidio*, vendo mover a Artilharia, temendo que fosse contra os *Hespanboes*, que se dizia entravão, e a quem o Brigadeiro *Oliveira* queria resistir, quando sahio o Capitão *Marriz*, escoltado de alguns Soldados, a toque de caixa, e diz: *Viva o Principe de Portugal*: Conheceo-se então bem quanto differe o Rei pacifico do Rei guerreiro, quanto he viva e saudosa a memoria do Principe Justo. Esta voz foi repetida com tanta valentia, e prazer, que parece que todo aquelle povo estava d'acordo a pronuncia-la.

Daqui partirão as peças a postarem-se em *Santo Ovidio* da *Bandeira*, e na ponte: correo o povo ás armas aos Arsenaes, onde se estavam dando, com polvora, e bala, e se armou em menos de meia hora muito: começarão os sinos a tocar a rebate, e os tambores pelas ruas, acclamando-se entre vivas alegres por todas ellas o *Principe de Portugal*; e dos Arsenaes partirão todos para o sitio da *Bandeira* a esperar o inimigo, correndo a elle, como correm os Leões, e os Tigres á preza, que querem captar, e beber o sangue. Com o povo concorrerão algumas Tropas milicianas dos Regimentos da *Maia*, *Penafiel*, e *Porto*, que nesta Cidade estavam de guarnição depois da retirada dos *Hespanboes*. Estas derão destacamentos, fizeram guarda á cadêa, e forão guardas avançadas até duas legoas.

Em pouco mais de hora e meia se armou tudo, (excepto personagem, que não appareceo nem hum) e todos corrião aos *Francezes*, como quem corre ao mais alegre festim. Era gosto ouvir dizer a huns *vamos-lhe mostrar o valor Portuguez*: outros *vamos-lhe fazer vêr, que Portugal tem homens*, e todos *vamos acabar com estes Diabos*. Certamente não mostrarão mais coragem, mais amor á Religião, ao Principe, e á Patria os *Portuguezes*, que no *Campo d'Ourique* desbaratarão cinco Reis *Moiros* ligados contra o grande *Affonso*, nem aquelles que em *Aljubarrota* fizeram em pedaços os *Castelhanos*, do que mostram os *Portuenses*, quando marcharão a arrostar-se com os *Francezes*; e inda que na *Ribeira* houve algum desmaio por correr huma voz dizendo, que os *Milicianos*, que estavam aquartelados no Convento de *S. Domingos*, erão mandados marchar sobre o povo, pelo Brigadeiro *Oliveira*, sempre continuarão; e o dito se tornou logo falso; porque os *Milicianos* tomarão o partido contra os *Francezes*, e *Oliveira* fugio na mesma hora d'acclamação, e poucos dias depois foi preso em *Santo Tirso*, e remettido ás Cadêas da Relação. Toda a coragem porém se tornou n'hum grande dissabor, e raiva por não virem os *Francezes*.

Em quanto pelas ruas se acclamava o nosso August-

to Soberano, e o povo corria arrostar-se com os *Franceses*, comparecerão no Paço do Concelho o Juiz de Fôra *Luiz Barboza e Mendonça*, e os Vereadores *Bernardo de Mello Vieira da Silva e Menezes*, e *Thomaz da Silva Ferrás*, e não apparecendo Escrivão arvorarão por Escrivão o Cidadão *Antonio Soares d' Azevedo*, e estiverão aqui até á madrugada, e mandarão offerecer dinheiro aos que tratavão desta gloriosa acção, e tudo quanto precisassem, a fim de se ultimar esta tão interessantissima obra. No dia 19 de manhã os ditos Vereadores com Bandeira Real na mão acclamarão nas Janellas á S. A. R. á vista de hum povo immenso, que com elles repetia os alegres Vivas, que lhe fazião reviver a sua felicidade.

E que cousa mais interessante para hum povo, que geme n'hum pezado cativeiro, e a ponto de experimentar todo o rigor da tyrannia, do que ver-se na posse da sua liberdade, e á sombra das Leis de hum Pincipe Justo, e defensor dos direitos, e propriedades de seus Vassallos! Os que concorrem para esta felicidade merecem muito: os que a consolidão merecem tudo. *Portugal* veria sem d'úvida todos os horrores da dessolação, se não chegasse este feliz momento.

Aquelles que depois de *Mariz* trabalharão, e concorrerão com todo o zêlo, amor, e efficacia para esta gloriosa acção forão *José Jsaquim Couceiro de Tentugal*, que nesta Cidade se achava tratando de negocios do *Duque de Cadaval*, e que na Praça da Cordoaria arvorou primeiro o Estandarte Real; o Tenente *José Bernardino de Faria*, que á testa de hum troço de povo com a espada na mão foi encarar com o inimigo; *Anacleto José de Magalhães Taveira Mosqueira*, e o Tenente *Francisco Pinto de Queiroz*, que fizeram o mesmo depois de serem os primeiros que se unirão ao lado da Bandeira; o Major do Regimento de Milicias de *Penafiel Francisco Cuedes Monteiro*, e o Capitão graduado em Major do Regimento da *Maia Joaquim José da Silva e Abreu*, que andavão á dar os Vivas pelas ruas da Cidade, e chamar o povo ás armas. Appareceo logo tambem o Major *Raymundo José Pubeiro*, que fugindo evitou a prizão mandada por Oli-

*veira*, e este animou muito o povo dizendo: *Viva o Principe: Vamos a elles, que abi vem os Hespanboes ajudar-nos.* Apareceo o Alferes *Antonio d' Araujo Vasques da Cunha*, *Jose Maria de Mendonça e Sales Gameiro*, *Antonio Joaquim Gameiro*, e varios Religiosos de *S. Domingos*, que nos *Arsenaes* e *Armazens* estavam a dar *Armas* ao povo, e a pôr *pederneiras* nas *Espingardas*.

Eis-aqui no que excede o *Porto* e *Tras-os-Montes* a todas as mais partes: estas fizeram a *Restauração*, e *Acclamação* em socego, e sem temor do inimigo; aquella Cidade fez esta acção gloriosa no ponto em que se dizia, que os *Francezes* estavam a entrar; e estes, com hum grande numero de *Partidistas* que aqui havião, podião embaraçar a conclusão dos seus projectos, e fazer correr muito sangue; razão porque o *Porto* tem a *Primazia* entre todas as *Provincias*, não obstante terem todas a mesma coragem, valor, e sentimentos, que mostrarião em iguaes circunstancias: e os *Portuenses* cobrem de maior valor, gloria, e immortalidade o seu nome, porque mostrarião a sua fidelidade, e bravura no ponto de a hirem provar.

Este amor, entusiasmo nobre, e valerosa coragem, que agora mostrarão os *Portuguezes*, ter-lhe-hia poupado hum chuva de desgraças, se estivessem sempre animados dos mesmos sentimentos, para defender a *Religião*, o *Rei*, e a *Patria*. Se os homens soubessem, que na passagem d'hum *Governo* a outro ha naturalmente hum periodo terrivel, mais ou menos longo, durante o qual a ignorancia, e a sabedoria, os principios, as instituições, e costumes estão n'hum a luta perpetua, como proximo aconteceu na *Revolução de França*, e em outro tempo na *Inglaterra*, já mais concorrerão para semelhante empreza, na qual quasi sempre são sacrificadas mil e mil victimas, e muitas innocentes. Assim como se conhecessem bem, o que he passar hum a Nação a hum novo *Soberano*, que inda não sendo tão máo (porque he impossivel) como *Napoleão*, e os seus *Delegados*, trata sempre como *Padrasto* os novos *Vassallos*, que rarião antes morrer pela causa da honra no *Campo da*

Gloria, defendendo e combatendo pela Religião, Monarcha, Patria, Leis, e Costumes, do que passar por hum tal desgraça; desgraça que, hindo de mal a peor, em taes acções não deixa distinguir ao povo, privado das lições da experiencia, aquelles que lhe pregão a moderação e a justiça, dos que querem abater diante das suas paixões, e interesses, todas as barreiras que se devem respeitar: e d'ordinario acontece que triunfão os inimigos do povo, e são proscritos os amigos deste; como *Aristides*, que foi desterrado, *Socrates* bebeo a cegude, e *Cató* matou-se a si mesmo.

A Europa ensinada pela desgraça já conheceo estas verdades; e o Céu queira que cuidadosa transmitta estas saudaveis lições a seus filhos, e com ellas grave profundamente em seus corações o respeito á Religião, o amor á Patria, e a fidelidade aos legitimos Soberanos, a fim d'evitarem a triste sorte de seus Pais. A minha Patria tambem as experimentou, e só depois desta experiencia fatal he que abriu os olhos, e conheceo o engano.

Quantas vezes eu desejei ser hum Deos para trazer sobre todos aquelles, que erão affeioados, e illudidos por *Bonaparte*, as misérias que elle levava aos Paizes onde hia, e depois de lhas fazer sentir, e conhecerem o seu erro, e que só nas gazetas se achava a felicidade, de que elle fallava, os tornar a pôr de posse dos seus antigos bens; pois naturalmente amigo da humanidade não queria o seu incommodo, senão em quanto este resultava em seu proveito, e beneficio; porém elles sentirão a pezar seu o seu erro, e se não tornarão a adquirir os bens que aquelle lhes tinha roubado, tirarão com tudo o beneficio de ficarem desenganados, e conhecerão que só o Príncipe, piedoso, honrado, e justo he digno de reinar.

Acclamado este, procurarão logo os *Portuenses* estabelecer o seu Governo, que tendo por base a Justiça, e por directora a Sabedoria e a Virtude, só produzia fructos preciosos de paz, e de abundancia, que lhe atrahem o amor, o respeito, e fidelidade de seus Vassallos, e eternizarão na memoria da saudade, e da gratidão, como

a dos *Theodosios*, e *Antoninos*, o Augusto Nome de *D. João VI*. Em nome deste tratou-se de se estabelecer hum Governo Supremo, que com auctoridade de S. A. R. desse as ordens, e providencias para a conclusão da empreza, para administrar a justiça, castigar o crime, premiar a virtude, e governar estes Estados do mesmo modo e maneira, que o Principe Regente os governava, e recômmendou na sua despedida, a fim de que quando voltasse achasse os seus póvos contentes, e satisfeitos.

Erão 2 para 3 horas da noite do Domingo 19 de Junho, quando appareceo na *Ponte* o Bacharel *Antonio de Sousa Ferreira*, e chamando a si alguns Officiaes de Milicias, e Artilharia, lhes fallou nestes termos: = Amigos, a obra está felizmente começada; mas todos vamos perdidos, se sem perda de tempo não fizermos hum Governo Supremo, em que o Povo em nome de S. A. R. deposite todo o seu poder; donde dimanem todas as ordens tendentes ao fim desejado; e a quem todos respeitosa e obedecemos; cujo Governo deve ser composto de membros de todas as Classes do Estado, os mais sabios, rectos, prudentes, e verdadeiramente realistas, e *Portuguezes*. = Todos convierão: e fazendo huma lista dos que elegião para este importante emprego, passarão-lhe a dar parte para se acharem na Casa da Camara. Isto foi feito na casinha da *Ponte*, onde se cobrão as passagens.

Erige-se o  
Supremo  
Governo:  
membros  
que o com-  
põem, e sua  
actividade, e  
providencia.

Erão seis horas da manhã, quando os Milicianos da *Maia* em fórma de Regimento com o Estandarte Real largo, alguns Artilheiros conduzindo duas peças, bastante povo, e aquelles que estavam designados para o Governo, marcharão para o Paço Episcopal, para onde, revogando a primeira ordem que era para a Camara, se devião juntar em nome de S. A. R.: aqui fizeram chamar S. Ex.<sup>a</sup> R.<sup>ma</sup>, e dizendo a que vinhão lhe appresentarão a lista d'aquelles que devião formar a Junta do Supremo Governo. Ficou o Bispo summamente satisfeito por ver os homens, a quem querião entregar o Governo, que todos erão muito capazes, e tinham inteireza, justiça, rectidão, sabedoria, e fidelidade, e amor patriotico; e excluindo (por serem muitos) alguns dos que hião no-



meados, ficarão os seguintes: Prêſidente e Governador o Ex.<sup>mo</sup> e R.<sup>mo</sup> Bispo desta Cidade do *Porto*; do Clero o Reverendo Doutor Provisor *Manoel Lopes Loureiro*, e o Reverendo Doutor Vigario Geral *José Dias d'Oliveira*; dos Magistrados o Desembargador Juiz da Corôa *José de Mello Freire*, e o Desembargador Aggravista *Luiz de Sequeira da Gama Ayala*; do Militar o Capitão *João Manoel de Mariz*, e o Major *Antonio da Silva*; dos Cidadãos e Comércio *Antonio Matheus Freire d'Andrade*, e *Manoel Ribeiro Braga*.

Isto se fez na Sala do Docel por hum instrumento público, eſcrito pelo Desembargador Juiz da Corôa, e assignado por muitos dos que alli estavam, entre os quaes foi *José Augusto Leite Pereira de Mello*, Coronel do Regimento da *Maia*; que retirado com a sua familia á sua Quinta de Paço de Sousa desde a entrada dos *Hespanhoes*, e por odio aos *Francezes*, appareceo logo que se fez a feliz Restauração, e Acclamação. Os Militares que alli estavam jurarão pelas suas espadas de morrer, ou vencer; tendo já feito o mesmo juramento nos Quarteis de *Santo Onvidio*, antes de partirem para o Paço. D'aqui passou Sua Ex.<sup>a</sup> acompanhado de toda a assemblea á Sé fazer oração ao Santissimo Sacramento, e implorar a Protecção do Céu em tão feliz empreza, ainda que muito espinhosa.

Implorado o Auxilio Divino entre lagrimas, e suspiros, nascidos de desejos vivos, puros, e sinceros de concluir huma tal obra, tornarão-se a recolher ao Paço; e o Supremo Governo passou a nomear Governador das Armas o Coronel aggregado ao primeiro Regimento *José Cardozo*; que feito de manhã, de tarde (dizem, mas ainda se não provou) escreveu a *Junot* a dar-lhe parte do successo, e seu novo Posto; mas prendendo-se o Proprio que levava a Carta, foi elle mesmo preso no outro dia pelo povo, e mettido na enxovia de Matosinhos, depois de ter sido muito mal tratado. Mandou logo descobrir as Armas Reaes n'aquellas partes onde estavam cobertas, pintar, e gravar n'aquellas onde tinham sido picadas, e que se lhe desse aquelle respeito, e veneração, que sempre tiveram, e havião ter. Mandou logo arvorar no Castello da

Foz o Estandarte Real; e partio *Luiz Maximo Pinto* Visconde de Balsemão para o Bridge dizer aos *Inglezes*, que quando quizessem podião entrar neste Porto, que desde já lhe ficava franco. Por ordem do mesmo Supremo Governo sahio de tarde o Bando a dizer, e determinar repiques de sinos, e illuminação por tres dias em toda a Cidade.

O Desembargador *Estanisláo José Brandão*, que servia de Governador das Justiças, mandou logo por hum Edital, que na Relação, e seu districto, fossem desde logo lavradas todas as Sentenças em nome do Principe Regente N. S., e neste dia nada mais houve memoravel; só sim muito povo da *Foz*; *Matosinhos*; e mais circumvizinhanças da Cidade, que veio buscar armas, polvora, e bala; mandando-se também estas munições, e petrechos para os lugares mais distantes; com ordens rigorosas para fazerem a acclamação; e pondo guardas avançadas para se saber a marcha, e posição do inimigo, de cuja chegada todos estavam persuadidos, estando de mais a mais desejosos todos que elle viesse sem demora.

No dia 20 continuava o Supremo Governo a dar as providencias necessarias para pôr a Cidade na melhor defeza, quando chega huma noticia, que os *Francezes* estavam já nos *Carvalhos*. Era meio dia para a huma hora; eis que começam os sinos a tocar a rebate; e hum povo immenso a marchar para o sitio da Bandeira, e estrada que vai para os *Carvalhos*, por onde se dizia vinhão os *Francezes*, em numero de 3:000 commandados por *Loa-son*. Tudo corria em montão, e desordem, e cada qual á porfia queria ser o primeiro a arrostar-se com o inimigo. Neste tempo sahirão os Religiosos de *S. Domingos*, e hum delles começou na Portaria á arranjar hum troço de gente, da que vinha vindo: estava nisto, quando chegou *Leite* Coronel da *Maia*, que hia para o mesmo fim com o Capitão *Manoel Velho*, e tirando huma Bandeira de duas, que aquelle levava, a arvorámos n'hum páo, que alli appareceo, e pegando nella hum dos Religiosos, tomou *Leite* o commando, e marchámos para o sitio. Este corpo foi engroçando tanto, que quando chegámos a *S. Ovidio* levavámos tres a quatro mil homens;

de sorte que Leite arvorou a outra Bandeira, e fizeram-se dous Batalhões. Aqui se esperou toda a tarde o inimigo; e estavam todos deste Corpo tão cheios de coragem, e enthusiasmo, que passando adiante de todos, dizião huns aos outros: *Nós sós queremos bater os Francezes: ou os habermos trazer mortos, ou prizioneiros á Cidade; tornando-se tudo isto no desgosto d'elles não chegarem.*

Além deste grande corpo arranjado, debaixo de duas Bandeiras se allistarão varios Clerigos, e Religiosos de diversas ordens, estava desde a *Ribeira* até *S. Ovidio* tudo coberto de gente armada, e até as mulheres estavam em casa fervendo agoa para a lançar sobre os *Francezes*. Todos, estavam ánciosos da sua chegada para os bater, eis que corre huma voz a dizer, que elles vinhão pela *Furada*, lugar que fica á borda do mar, distante da Cidade meia legoa pouco mais ou menos. Marchou logo muita gente para este sitio; porém não apparecendo nem noticias d'elles, e sendo já bastante noite forão-se todos recolhendo a suas casas; depois d'aquelle grande Corpo hir ao Paço appresentar as armas, e offerecer-se para algum serviço que *S. Ex.<sup>a</sup>* determinasse. Parece que *Deos*, como certamente foi; guiava tudo, e tudo defendia; pois no meio de hum barulho tal; como houve neste dia, não houve a mais leve desordem; e, o que he mais, durante este tempo, perigoso; ninguem se vingou do seu inimigo, nem consta haverem roubos, ou desavenças. Neste dia o mesmo Bispo foi aos *Francezes*.

No dia 21 sahio huma Proclamação do Supremo Governo, em que depois de recômandar aos Povos o socego, a união, e a confinça no Céu, e nelle, os excitava á coragem, e ás armas; não já para esperar, mas sim para hirem procurar, e investir esses inimigos pérfidos, que com o titulo de *Protecção* nos tinhão vindo roubar. E chegando então huma noticia de que os *Francezes* vindo a *Oliveira das Amêas*, e sabendo do que se passava no *Porto*, tomarão o caminho d'*Arouca* para virem por *Pena-fiel*, neste dia, e seguintes marchou muita tropa para o *Senhor do Bom-fim*, onde se postarão duas peças, e d'aqui até *Val-longo* se acampou o Exercito repartido em diver-

sos Batalhões, commandados pelo Coronel *Francisco Guedes da Costa*, que depois de *Cardozo* tomou interinamente o Governo das armas. No alto de *Val-longo* se postarão também duas peças, e os Regimentos de Milicias da *Maia*, e *Penafiel* (se bem que não inteiros) forão mandados acampar n'aquelle Lugar, em quanto em *S. Ovidio* estayão também as tropas d'*Ordenanças* deste sitio; acautelando-se assim todos os pontos por onde os *Francezes* poderião entrar. Todos anciosamente os esperavão, e cada qual os desejava bater primeiro, sentindo que esta gloria lhes fosse roubada por aquelles, que estavão adiante. Além dos que os esperavão marchou busca-los hum Destacamento com duas Peças d'Artilharia, no qual hião o Tenente *Luiz Paulino*, o Tenente *Lourenço Homem de Vasconcellos*, e o Cadete *Pedro Leite Pereira de Mello*, alguns Artilheiros, quarenta Milicianos, vinte da *Maia*, e vinte do Regimento de *Penafiel*; com varios *Paizanos*, que forão por *Penafiel*, e seus contornos, procurando-o em todas as partes por onde se dizia entrava o inimigo, e chegarão até *Lamego* (1).

Não era porém por estes sitios que marchavão os *Francezes* para o *Porto*: era d'*Almeida* que o General *Junot* tinha mandado o General *Loason* com 2:500, e 2:600 homens entre Cavallaria e Infantaria. Marchou este em socego sem susto, atropelando, e roubando (segundo o seu costume) tudo, por onde passava; desde aquella Praça até á Villa de *Mezão-frio*, onde entrou como triunfante, trazendo Cavallos cobertos de seda, e ricamente ajaezados, outo Peças d'Artilharia, humia forja de Campanha, e grande bagagem. Soube-se da sua chegada a *Lamego*, e logo os povos de *Guimarães*, onde a Restauração tinha sido feita no mesmo dia que no *Porto*, e todos quantos ficão entre esta Villa e a de *Mezão-frio*, com cento e tantos Soldados do Regimento de *Vianna*, onde se fez a Acclamação no Domingo 19 de Junho, marchão ao encontro dos *Francezes*.

Marchou o Clero Regular, e Secular (entre o qual

Acclamação  
 de Guimaraes e Vianna.

(1) Calculou-se ser o numero de pessoas que neste dia pegarão em armas 60 a 70:000

devem ter hum destincto lugar os Religiosos Dominicanos, tanto nesta, como nas mais acções, e partes, já empunhando as armas, já prégando para animar os povos, já finalmente pela grande despeza que fez o Convento de S. Gonçalo d'Amarante, dando abundantemente de comer e beber á tropa, tanto na hida como na vinda): partio a Nobreza, e Povo, e inda que todos mal armados, pois levavão poucas espingardas, pouca polvora, e bala, e os de mais levavão páos, e espadas, chuços, forcados, e até espetos, fracas armas para se medirem com huma tropa aguerrida, disciplinada, e abundantemente provida de munições de guerra; todavia o amor do Principe, e defeza da Religião, e da Patria, e o odio que tinham aos *Francezes*, não só lhe dava valor, e enthusiasmo, mas até azas para voarem até elles. Os Chefes que conduzião; e cõmandavão estas bravas gentes, erão *Gaspar Teixeira*, e o *Monsenhor Miranda*, animando, e providenciando, segundo o caso e as circumstancias, o pedião.

Forão marchando até *Mezãofrio*, onde sem dúvida ficarião todos os *Francezes* mortos, ou presos pelos *Minhotos*, e povos de *Villa-Real*, que tambem já marchavão sobre elles commandados pelo Ténente Coronel de Cavallaria *Francisco da Silveira Pinto da Fonseca*, se (como dizem) o Juiz de Fóra d'*Amarante*, a quem o *Maneta* tinha mandado apromptar a apozentadoria para o outro dia ao jantar, lhe não fizesse avizo do que se passava. Apenas lhe chegou a noticia de que o estavão esperando para o bater, levantou-se da meza, deixou o jantar no principio, e tratou logo de fugir; não obstante instar o seu Ajudante d'Ordens para continuar a marcha, e vir punir os rebeldes. Assim chamava aos *Portuguezes*, que querião restaurar os seus direitos, e os do seu Principe, sacudindo o pezadissimo jugo *Francez*; mas enganava-se, e a experienciã o desenganou, que os *Portuguezes* são tão prudentes e soffredores, quanto valentes, e desesperados quando tratão de se livrar de Despotas, Ladrões, Oppressores, e Tyrannos; e que já mais conseguirá alguém, opprimindo-os, e vexando-os, tirar d'elles a melhor. Tal he o seu character, e por tal se os *Francezes*

Fugida dos  
Francezes.  
Quem os  
fez fugir.

fossem menos fatuos, e mais intruidos, o devião ter conhecido.

Fugirão com effeito, retrocedendo pelo *Pezo da Regoa*, onde fizeram saque, e hostilidades, e soffrerão também muita perda dos seus, e do seu trem: aqui seis homens de *Canellas* armados sómente com páos se arrostarão denodados com as guardas da bagagem, tirarão-lha quasi toda, mergulharão-lhe duas peças, e ficarão com bastante dinheiro, e cordões d'ouro: aqui d'entre as vinhas lhe matarão muitos Soldados, entre os quaes foi o Ajudante d'Ordens, pensando que era o General a quem dirigião o tiro, afogarão muita polvora, e varios pápeis, cujo obrar foi desacertado, em razão de se ficar ignorando muitas cousas interessantes; apanharão porém a Secretaria particular de *Loason*, malas, hum mappa das Estradas de *Portugal*, e quatro fardas ricas, e bordadas de diversas fórmãs, das quaes huma ficou em S. Gonçalo d'Amarante, outra foi levada á Senhora da Oliveira de *Guimarães*, a terceira á Senhora do Rosario da mesma Villa, e a quarta com as malas dos papeis mandou-se para o Supremo Governo do *Porto*.

Despojos  
da Batalha.

Além desta derrota que teve na *Regoa*, e em quanto passava o *Douro*, perdeu também muita gente na fugida de *Mezãofrio* até á *Regoa*; distinguindo-se muito, pelos muitos *Francezes* que matou, hum Religioso Dominicano chamado *Fr. José de Jesus Maria Ascensão*: não disparou tiro que não empregasse, e excitou tal odio em *Loason*, que poz todos os esforços para lo matar; mas felizmente não o conseguiu; e confessou em *Vizéu*, que ninguem lhe tinha feito tanta guerra, como o Frade do habito branco. Com muita perda, custo, e mêdo tornarão os *Francezes* a passar o *Douro*, e se forão por *Lamego*, onde muitos dos que se avistarão com elles na *Regoa*, e *Mezãofrio*, os forão seguindo, porém quando chegarão a *Lamego* já elles tinham partido. Aqui os de *Guimarães* fizeram a aclamação, que ainda não estava feita, armarão a Cidade do modo possivel, e derão logo parte ao *Porto* para lhe mandar armas, polvora, e bala, enviando juntamente parte dos despojos da victoria

que tinham alcançado , que inda que pequena , se deve reputar vantajosa , e grande para hum povo desarmado , sem disciplina , e em confusão (1).

Em quanto o grande *Loason* , que no Norte tinha desfeito Exercitos poderosos , e bem disciplinados , hia fugindo d'huns poucos de Paizanos *Portuguezes* desarmados , hia o Supremo Governo do *Porto* com a maior actividade , e energia , dando todas as providencias , e ordens para a completa Restauração de *Portugal* , para o socego público , e para a organização das tropas , que todas estavam dispersas , e desmanteladas. Para guarda do Paço se fez hum Regimento de Ecclesiasticos, Seculares, e Regulares, do qual foi Coronel o *Deão* da Sé , e em todas as mais partes se armarão os Ecclesiasticos. Pensava-se vêr renovadas as Cruzadas ; e na verdade estas guerras erão mais justas , porque os inimigos erão peores , e mais ferozes que os Sarracenos : nem nunca a Igreja correo tanto perigo ; e naufragaria sem dúvida , se aquelle que a firmou sobre a dura rocha lhe não assegura-se, que ella zombaria sempre das soberbas ondas da contradicção , e do erro , e que as portas do Inferno já mais prevalecerião contra ella ; e quem lhe disse isto hê o Omnipotente verdadeiro , que não engana , e reprova quando quer os projectos dos Reis ; assim como dissipou o do falso , e mentiroso Omnipotente (*Bonaparte*) , cujo delirio , e atrevimento chegou ao ponto d'assim se appellidar. Que louco!

Foi feito Intendente Geral da Policia , e Juiz da Inconfidencia o Desembargador *José Filiciano da Rocha Gameiro* , e seu Ajudante o Desembargador *Nuno de Faria da Matta Castello-Branco* , ambos bem conhecidos pela sua inteireza , fidelidade , e patriotismo. Foi chamado para Governador das Armas , que por S. A. R. já estava feito , o Marechal de Campo *Bernardim Freire d'Andrada* , e para Ajudante General *D. Miguel Pereira Forjaz* ; ambos feis *Portuguezes* , que a hum alto e distincto nascimento , a virtudes politicas , e religiosas , reunião talentos militares de Officiaes consumados , que já tinham mostrado

---

(1) Serião 8 até 9 mil homens , que forão encontrar-se com *Loason*.

no *Rossilbon*, quando em 1793, hindo com as mais tropas *Portuguezas* auxiliar a *Hespanha*, baterão fortemente os *Francezes*, e que por odio que a estes tinham se retirarão ás suas *Quintas* junto á *Coimbra*, não querendo por então *Bernardim* tomar o Governo para que estava nomeado. Baixou-se logo hum Decreto para a Soldadesca se reunir aos seus respectivos Regimentos; e não só os Soldados antigos, mas milhares de novos voluntarios corrião contentes, e a tocar em violas, alistar-se de baixo das Reaes Bandeiras; de sorte que em menos de hum mez não só aquelles corpos estavam completos, mas até augmentados de muitas mais Praças.

Em quanto as tropas se hião formando, hião correndo Donativos de dinheiro, pão, bacalhão, pannos, mantas, e outras cousas, que dava cada qual segundo as suas posses. Os Mosteiros das Religiosas se occuparão em fazer de graça muita parte das mochilas. Os Funileiros fizeram sem paga de seu trabalho os frascos de folha, e muita parte desta foi tambem dada. Todos á porfia, e cada qual como podia concorria gostoso para a despeza da tropa, pezando-lhe de se não fazer apromptar tudo n'hum dia; para com mais brevidade se livrar o que inda restava da Patria opprimida com o jugo, e tyrannia *Franceza*.

No meio de tudo isto vinhão chegando notícias da fugida de *Loason*, cujo Exercito hia diminuindo a cada passo; fazendo todavia grandes estragos, e queimando searas, e cazas, e matando creanças n'aquelles sitios por onde passava, que não estando inda levantados o fizeram nas suas costas; não o podendo fazer antes povos desarmados para se arrostarem com hum inimigo, que além das armas que levava tinha tambem a seu favor o terror panico de que *Bonaparte*, e seus Partidistas tinham enchido as Nações. Assim foi feito em *Vizéu*, *Guarda*, *Pinhel*, e por todas as mais Villas, e Aldêas, onde com a noticia da Restauração do *Porto*, Ordens do Supremo Governo, e fugida dos *Francezes*, que por muitos destes sitios passarão, se vio o mesmo fogo, coragem, bravura, e amor patriotico, que se encontrarão nas mais partes, onde a Restau-



ração já estava feita; as quaes todas forão humas apoz outras recebendo soccorros d'armas, polvora, e bala, que o *Porto* lhe hia enviando.

Com muito medo, perda de gente, e fugindo por montanhas, e valles chegou *Loason* a *Almeida*, e daqui, deixando os feridos, tornou a fugir, com parte da tropa que lá tinha, para *Lisboa*. Estando porém já a *Villa* de *Fundão* restaurada, lhe aprizionarão a guarda avançada constante de 20 e tantos homens, e até os obrigarão a tomar outro rumo para chegar a *Abrantes*, onde embarcou os feridos, e estropiados, e elle com o resto da tropa marchou por terra até *Villa-Franca*, onde se embarcarão.

Em quanto o *Porto*, *Minho*, e *Tras-os-Montes* dormião nos braços da Patria solta das cadêas do captiveiro, e em quanto a *Beira-alta* hia arvorando o glorioso Estandarte da liberdade, já este, tremulando em *Ovar*, *Feira*, *Aveiro*, *Sardão*, e *Agueda*, tinha sido collocado sobre os muros de *Coimbra* por *José Pedro Cardozo e Silva*, *Custodio José Rodrigues Maia*, *Domingos Antonio Pereira*, e *Domingos do Porto*, que logo depois da Restauração desta Cidade forão áquella levar os Vivas, na qual entrando com as Ordenanças da *Mealhada* trouxerão logo prezos, em signal do seu valor, e affoiteza, 44 *Francezes* que nella estavam de Guarnição, sendo os primeiros que no *Porto* entrarão maneatados entre mil Vivas a Portugal, e ao Principe.

Restaura-  
ção de Co-  
imbra, Fi-  
gueira, e  
por quem.

Restaurada *Coimbra* partirão alguns Estudantes fazer o mesino á *Figueira*, e com tanta felicidade, que tomarão a Fortaleza desta *Villa*, e aprizionarão a sua Guarnição, que era de 72 *Francezes*, os quaes tambem conduzirão ao *Porto*. Desde logo aquella Universidade começou a tomar todas as medidas de defeza, e segurança, debaixo do commando, e inspecção do Governador Vice-Reitor *Mantoez Paes d'Aragão Trizoso*, e a esperar *Loason*, que se dizia marchava sobre ella, para cuja defeza lhe mandou o *Porto* artilharia, bala, e polvora, além da que alli se hia fazendo, e da que trouxerão da conquista da *Figueira*.

Os Alumnos da Universidade mostrarão o maior zelo, bravura, patriotismo, e fidelidade á Religião, e ao Principe; e alistando-se voluntarios debaixo dos Reaes Estandartes n'hum Corpo que elles erigirão, obrarão prodigios de valor, e fizerão acções tão gloriosas, que os cobrirão eternamente de gloria, e até de pasmo. No caso de *Loason* vir estavão determinados, com muitos Ecclesiasticos, a põem-se á testa das Ordenansas, a ordenarem-lhe a embuscada, e desfilarem sobre os *Francezes*, que sem dúvida serão completamente destroçados. Depois de restaurar a *Figueira* passarão a levar a Acclamação do Principe Regente a *Condeixa*, *Ega*, *Sourel*, *Pombal*, *Leiria*, e á *Nazareth*.

No Forte deste nome, e nos que ficão visinhos, S. Gião, e S. Martinho, estavão 150 *Francezes*, e de *Peniche*, onde estava hum Corpo aquartelado, lhe podia facilmente chegar soccorro: isto não obstante 15 valerosos Estudantes alli marcharão, fizerão fugir 95 *Francezes*, tomarão o Forte, e aprisionarão 50 dos inimigos matarão 5, e tomarão huma Bandeira, que cobrindo hum Cavallo, e arrastando por terra, com os prisioneiros entrarão no *Porto* com o Governador *Miron* tambem preso. Das munições de guerra, e cartuchame que acharão, repartirão muita parte pelos povos d'aquelles lugares, para poderem resistir a qualquer insulto, que os *Francezes* tentassem fazer-lhe.

No mesmo tempo, que estes valerosos Soldados marchavão fazendo tão grandes acções, e fazendo fugir vergonhosamente os *Francezes*, forão tambem Emissarios mandados pelo Governador de *Coimbra* proclamar a restauração do Governo legitimo, e a guerra nacional contra os *Francezes*, a *Miranda*, *Espinhal*, *Pedrogão*, *Sertã*, margens do *Zezere*, *Cêa*, *Covilhã*, *Castello-Branco* etc. A estas sabias, e acertadas medidas deve *Loason* a perda, fomes, e trabalhos que experimentou na sua fugida desde *Almeida* até *Abrantes*. Além destas medidas se começou logo a trabalhar no fabrício da polvora, bala, cartuchame, metralha, lanças, e lanternetas.

Logo que em *Lisboa* foi sabido por *Junot* a restau-

ração de *Leiria*, por aviso, dizem, que desta Cidade lhe fizeram, mandou *Thomiers* com 300 homens para a tornar a subjugar. Este chegou, entrou, saqueou, e matou muita gente, e entre outros alguns Religiosos Arrabidos, e o mesmo faria ao Bispo, se este a toda a pressa não fugisse para a *Figueira*. Foi feito Bispo desta Cidade *Fr. Joaquim de Barros*, Religioso Agostinho, Prior do mesmo Convento; e depois destes roubos, mortes, e nomeação do Bispo retirarão-se os *Francezes*, temendo que os Academicos cahissem sobre elles. Tanto era o mêdo que lhes tinhão!

No meio de tudo isto levantarão-se algumas nuvens, que offuscarião o brilhantismo de tão bellos dias, se não fossem tão sabia, prudente, e apressadamente desfeitas. Os Jacobinos e a População procurarão semear a desordem, e a divisão; aquelles, porque não querião o Governo legitimo; esta, porque sem averiguação queria que os Juizes condénassem á morte todos aquelles, que o povo dizia erão traidores; havendo-se ao excesso de os punir ella mesma. Assim fez em *Viscu*, maltratando o Governador *Florencio José Corrêa de Mello*, e o mesmo ao Juiz de Fóra dos *Arcos*, chegando aqui mais ao attentado de queimar os Cartorios. As do *Porto* forão felizmente dissipadas: bastava só a presença do Ex.<sup>mo</sup> e R.<sup>mo</sup> Bispo para tudo socegar. Tanta era a veneração, o respeito, e a confiança que nelle tinhão. Este Prelado sempre vigilante, e cuidadoso em manter a união, e a ordem, e precaver o mais leve disturbio, visitava pessoalmente os postos militares, e pessoalmente hia accômodar os tumultos; não lhe obstando nunca as continuas fadigas que tinha, e as cousas immensas, e importantes, a que lhe era preciso dar prompta expedição.

O que porém fez mais tremer, foi a nodoa com que *Mariz* manchou a gloria de que se cobrio no dia 18 de Junho, sacrificado pela amizade do Tenente Coronel d'Engenharia *Luiz Candido Furtado*. Este homem empregado no serviço da *França* o deixou, logo que vio *Quesnel* preso, para evitar elle mesmo a prisão, e tomando todos os partidos, sem tomar nenhum, logo que a Restaura-

Nodoa do  
Mariz.

ção esteve feita se unio a esta causa, esperançado em ficar Governador do *Porto*; mas vendo baldada a sua esperança com a chegada de *Bernardim Freire*, traiu huma sublevação contra este, e, segundo disserão, contra o Supremo Governo, e Auctoridades constituídas; sendo porém esta descuberta foi prezo, e com elle *Mariz* por levantar a voz no Paço, e das janellas abaixo gritar ao povo, que tomasse as armas para o defender, dizendo que o seu libertador estava prezo.

Este acontecimento, que podia ter consequencias funestas, foi felizmente terminado pelas promptas, e sabias medidas que tomou o Supremo Governo. Os Regimentos foião postos em armas para socegar o povo, e a Artilharia foi entregue aos Soldados do segundo Regimento na desconfiança que os Artilheiros tomassem partido pelo seu Capitão: dispoz-se tudo de maneira, que esta trovoadá medonha se tornou n'hum dia sereno, em huma tarde sem nuvens huma manhã que ameaçou raios. Em lugar de *Mariz* foi feito membro da Junta do Supremo Governo o Provedor da Villa de Vianna *Francisco Osório da Fonseca*.

Forão com effeito prezos, e processados *Candido*, e *Mariz*: o primeiro foi condemnado á pena ultima, morrendo infamemente sobre a forza, o segundo a ser desterrado para *Angola*; porém em attenção ao que tinha trabalhado na obra da Acclamação do Principe remetteo-se aquelle ao Rio de *Janeiro*, para S. A. R. determinar d'elle o que fosse da sua Real consideração. Eis-aqui como a ambição, e amizade sem escolha, e experiencia corta n'hum instante os passos da carreira mais bem principia-da, e perde os homens. Que este exemplo fatal fique gravado na memoria de todos os *Portuguezes*, para os conter dentro dos limites da obediencia, e das leis, para lhes fazer prestár aos que governão aquelle respeito, e submissão, que Deos manda dar aos Poderes, que d'elle dimanão, não só por mêdo, mas também por consciencia, lembrando-se de passo que, quem lhe reziste, reziste á ordem, e mando do mesmo Deos; e para evitarem a companhia dos máos que pervertem, e perdem.

Causava riso ouvir dizer , que no meio de tudo isto inda *Junot* proclamava : cercado por mar, e por terra d'inimigos que lhe desejavão beber o sangue , proximo a verificar-se o pasquim , que na sua entrada em *Lisboa* lhe puzerão , que antes se deve chamar Profecia , dizendo = *Junot* , a entrada valeo hum milhão , mas pela sahida não te dou hum tostão = e outro = Come , e dança , que a tua cabeça não torna a França = a ponto de vêr realiado , o que agora no *Porto* lhe fizerão , que era = O Ducado d'Abrantes está a vagar por instantes = outro = o Throno de Napoleão anda a leilão = inda fazia esforços de moribundo : chamava delirantes aos *Portuguezes* , por se quererem resgatar da sua escravidão : a mentira , e a crueldade erão manejadas inda por elle : inda dizia em *Lisboa* , que *Loason* com o seu Exercito tinha socegado os pequenos motins das Provincias , e panido asperamente os cabeças , e os rebeldes ; e ameaçava as Provincias com os Exercitos *Francezes* , que tinha da *Hespanha* mandado marchar sobre ellas.

Persuadido, ou fingindo persuadir-se , que os *Portuguezes* estavão inimigos dos *Hespanboes* , sem se lembrar que a mesma causa, e interesse os tornava amigos , e unia intimamente , dizia que *Portugal* hia a ser humna Provincia da *Hespanha* ; e a pena que elle não tinha disto , ou de se ver obrigado a entregar hum Reino reduzido a cinzas , e a cadaveres ao novo Rei ? Outras vezes , usando da sua lingoagem costumada , dizia que a isto nos induzião os *Inglezes* , que lhe não dessemos ouvidos ; pois que erão nossos e communs inimigos do Continente.

Porém conheceo , bem a pezar seu , que só elle , e os seus Partidistas chamavão aos *Inglezes* inimigos communs , e não os *Portuguezes* ; pois desde que no tempo do Senhor Rei *D. João I.* conosco fizerão alliança , nunca forão traidores , nem infieis a *Portugal* , nem áquellas Nações , de quem erão alliados. Este nome só compete aos *Francezes* , que com Nação alguma fizerão tratado , e alliança , sem ser com mil cavilosos pretextos , e mesmo sem pretexto algum a muitas atraçoarão , e deixando outras. Digão-no *Portugal* , e *Hespanha* !

Porém já era tarde, já todos o conhecião, *Junot* clamou no Deserto, e só servirão os seus Proclamas d'excitar mais o odio, a desesperação, e desejos de lhe hir arrancar os roubos que tinha feito, desapossa-lo do Reino que tinha usurpado, e livrar-nos da sua escravidão, e tyrannia. Chegou o tempo de lhe dar-mos a resposta que *Albuquerque* deo ao Rei da *Persia*; de prepararmos Exercitos, montar Artilharia, e aguçar Espadas, e Alfanges, para hirmos sobre elle tirar vingança dos insultos que nos tinha feito, e pedir conta dos tributos que nos pedio.

Preces, Ac-  
ções de  
Graças.

Aprestarão-se aquelles em menos de mez e meio, pois foi desde 18 de Junho até o principio de Agosto. Neste meio tempo chegarão os *Inglezes* nossos antigos alliados; e por estarem mais perto, e não ter longa marcha, ordenou-se-lhe desembarcar na *Figueira*, e aqui esperar o Exercito *Portuguez*. Depois de se ordenarem Procições de Penitencia para aplacar a ira do Ceo, cujas se fizerão com o maior respeito, devoção, e humildade por espaço de tres dias, no fim destes começarão-se Acções de Graças ao Altissimo pelos beneficios já recebidos, terminando tudo com huma solénissima Procição acompanhada do Clero, Nobreza, e Povo, na qual levou o Santissimo Sacramento S. Ex.<sup>a</sup> R.<sup>ma</sup>. Depois de se determinar a segurança da Cidade, e das Provincias, e de se fazer o sitio d'*Almeida*, marcharão os Exercitos *Portuguez*, *Inglez*, e *Hespanhol* resgatar a afflicta *Lisboa*.

Marcha-se  
a Lisboa.

F I M D O P R I M E I R O T O M O .

# COMPENDIO HISTORICO

DOS ACONTECIMENTOS MAIS CELEBRES, MOTIVADOS PELA REVOLU-  
ÇÃO DA FRANÇA, E PRINCIPALMENTE DESDE A ENTRADA DOS  
FRANCEZES EM PORTUGAL ATÉ A SEGUNDA RESTAURAÇÃO DES-  
TE, E GLORIOSA ACCLAMAÇÃO DO PRINCIPE REGENTE O  
SERENISSIMO SENHOR D. JOÃO VI:

OFFERECIDO

AO EXCELENTISSIMO E REVERENDISSIMO SENHOR

D. ANTONIO DE S. JOSÉ DE CASTRO,

MONTE DE S. BRUNO, POR MERCÊ DE DEOS, E DA SANTA SÉ APOSTOLICA  
BISPO DO PORTO, DO CONCELHO DE S. A. R., PRESIDENTE DA JUNTA  
DO SUPREMO GOVERNO DO PORTO:

POR

FR. JOAQUIM SOARES

DA SAGRADA ORDEM DOS PREGADORES.



LISBOA,  
NA IMPRESSÃO REGIA.

ANNO 1809.

---

*Com Licença.*

ON THE ...



LONDON:  
Printed and Sold by ...

1780



# S U M M A R I O

## D O S E G U N D O T O M O .

**I**Ntroducção. Reflexões sobre a Revolução, e Systema Jacobinico. Bonaparte em tudo praticava o Jacobinismo. Deus he quem dirigia a Restauração de Portugal. Restauração de Braga. Restauração do Algarve. Retirada dos Hespanhogs do Além-Téjo, e Algarve. Reflexões sobre a conducta dos Ambiciosos, e meios que tem empregado para fazerem Conquistas. A traição foi sempre a arma de Bonaparte. Os Apaixonados de Bonaparte concorrião muito para a desgraça das Nações. Máo systema de Napoleão. Incapacidade de Bonaparte para legislar. Os Francezes não pozerão Portugal na ultima desgraça, porque estavam com os olhos na Hespanha. Decreto impio de Bonaparte. Os Partidistas da França concorrião muito para a desgraça de Portugal. Notavel Restauração de Algozo. Quem fez a Restauração do Algarve. Quem consolidou a Restauração do Algarve. Por temor da Tropa do Algarve foi salva Setubal, e não fugio Junot para Elvas. Restauração de Evora. Combate de Evora. Entrega, e estragos que fizerão os Francezes em Evora. Rastauração de Abrantes. Só Lisboa, e parte da Estremadura estava por restaurar. Acção heroica de D. Francisco de Almeida. Batalha da Roliça. Como forão recebidos no Porto os Inglezes feridos. Batalha de Vimeiro. Junot pede Capitulação. Evacuação os Francezes Portugal. Successos de Almeida. Tyrannias dos Francezes. O que aconteceu no Porto, quando chegarão os Francezes de Almeida. Junta de Reclamação. Restabelecimento da Regência.

The first part of the book is devoted to a general history of the  
 world, from the beginning of time to the present day. The author  
 discusses the various ages of the world, and the different  
 nations and empires that have arisen and fallen. He also  
 touches upon the progress of science and the arts, and the  
 state of the human mind in different ages. The second part  
 of the book is a history of the British Empire, from the  
 reign of King Henry II to the present time. The author  
 describes the various reigns of the British monarchs, and  
 the important events that have taken place in the history  
 of the country. He also discusses the state of the British  
 Empire at the present time, and the prospects of the future.  
 The third part of the book is a history of the French  
 Revolution, from the beginning of the revolution to the  
 present time. The author describes the various stages of the  
 revolution, and the different phases of the French Republic.  
 He also discusses the state of France at the present time,  
 and the prospects of the future. The fourth part of the  
 book is a history of the American Revolution, from the  
 beginning of the revolution to the present time. The author  
 describes the various stages of the revolution, and the  
 different phases of the American Republic. He also  
 discusses the state of the American Republic at the  
 present time, and the prospects of the future. The fifth  
 part of the book is a history of the French Revolution,  
 from the beginning of the revolution to the present time.  
 The author describes the various stages of the revolution,  
 and the different phases of the French Republic. He also  
 discusses the state of France at the present time, and  
 the prospects of the future. The sixth part of the book  
 is a history of the American Revolution, from the  
 beginning of the revolution to the present time. The author  
 describes the various stages of the revolution, and the  
 different phases of the American Republic. He also  
 discusses the state of the American Republic at the  
 present time, and the prospects of the future.

# COMPENDIO HISTORICO

DOS ACONTECIMENTOS MAIS CELEBRES MOTIVADOS PELA REVOLUÇÃO DA FRANÇA, E PRINCIPALMENTE DEEDE A ENTRADA DOS FRANCEZES EM PORTUGAL ATÉ A SEGUNDA RESTAURAÇÃO DESTE, E GLORIOSA ACCLAMAÇÃO DO PRINCIPE REGENTE O SERENISSIMO SENHOR D. JOÃO VI.

**D**Eixando a pennas mais elegantes molhadas em vas. Introdução. tas idéas escrever a Historia exacta, e circunstanciada da segunda Restauração de Portugal, eu pen-ei fazer hum serviço á minha Patria, contando-lhe compendiosamente os principaes factes desta acção de brio, e de gloria; e deixando ás gerações futuras, (porque a presente a sabe, e desgraçadamente as experimentou) assim a lembrança dos homens, que pela Patria expozerão generosamente a vida, e a memoria das coisas passadas para lhe servir de regra e acerto nas futuras; como as catastrofes de horror, de compaixão e de medo, que, sendo os funestos effeitos da Revolução Franceza, tem alagado a Europa de sangue, estragado a Religião, derrubado Thronos, e reduzido á mais triste miseria familias inteiras, consequencias infalliveis do louco, e malvado systema Jacobinico, que aberrando dos principios da Razão e da ordem, queria destruir os dois Poderes Regio e Sacerdotal, que Deos instituiu para Governo do Mundo, e pôz como bases fundamentaes da Sociedade: reputado sempre como o mais avultado beneficio, que a Providencia fez aos homens, para que estes não cahissem nos furiosos horrores d'anarquia; e da impiedade; a fim de conhecerem os males immensos, que comsigo trouxe huma Revolução urdida por seme-

Ihante systema totalmente alheio de toda a regra, e de que os Annaes do Mundo não offerecem exemplo desde a primeira época da sua civilidade. E tambem para que conheção os salvadores da sua Patria, e lhes tributem aquelles louvores e obsequios, que justa e dignamente merece hum tão nobre e glorioso titulo: para que os Monarcas conheção os seus Amigos, e Vassallos fiéis, e para que as suas familias se ennobreçam com tão grande brazão, que lhes dá tanta honra, quanta he a infamia, de que os podia cubrir o vil, e odioso nome *Traidor, e Infiel.*

Reflexões  
sobre a Re-  
volução, e  
Systema Ja-  
cobinico.

Quem diria que Seculo mais illuminado que tem visto o Mundo, quando tudo respirava doçura e humanidade; quando tudo ensinava a preferir a oliveira de Minerva aos loureiros de Marte: no Seculo maior que o de Philippe, e de Alexandre, ainda maior que o de Cesar, e Augusto, e muito superior ao de Leão X., dos Medicis, e de Luiz XIV.; quando as Sciencias, e as Bellas Artes aperfeiçoadas fizeram maravilhas, que admirarão todos os Seculos e Idades; quando a doce e sã Filosofia, a razão consoladora, e a bemfazeja humanidade ensinavão a colher o fructo da paz no regaço da abundancia, e a preferir a virtude e honestidade, e o socego a tudo quanto a ambição offerece de lisongeiro; quem diria então, que no fim do Seculo XVIII. havia rebentar huma erupção mais terrivel que todas as do Vesuvio e do Etna, e apparecer hum Vulcão vomitando fogo abrazador, que levando a toda a parte o ferro, a fome, a intriga, a irreligião, e a immoralidade pertendesse fazer a terra deserta de homens e de virtudes? Que a Paz se havia tornar em Guerra, a Humanidade em Fereza, a Abundancia em Necessidade, e que peor que no tempo dos barbaros inundando o Imperio Romano, e assolando a Europa, cahiria esta no abysmo da mais crassa e grosseira ignorancia?

Pois tal era o estado lamentavel, a que o systema Jacobinico que tramou a Revolução de *França*, pertendia reduzir o Mundo. Sem huma Religião, seja ella qual for, nenhuma Sociedade pode existir: os Jacobinos não

querião Religião alguma; e deste principio , que pñhão como pedestal de nova ordem de coisas , que hião formar , se póde concluir o montão de males , que podem nascer , e os bens que lhe causaria a Revolução.

He verdade , que geralmente fallando , nenhuma Revolução he boa , principalmente para a geração presente ; porque o genio que as traça não pode ser tão fecundo , e activo que dirija constantemente a sua marcha , nem ter hum tão valente braço , que segure , e amarre as paixões e interesses de cada hum , fazendo-o conformar com suas idéas e sentimentos : por isto Catão nada tanto recommendava a seu filho , como que fugisse sempre de Revoluções ; tanto conhecia elle o perigo e risco , que correm os revolucionarios , as desordens e partido , que ha nestas occasiões funestas ; porém a Revolução da *França* não foi boa para os actuaes , nem o podia ser para os futuros : não podia ser boa nem a si propria , nem aos estranhos. Como Roma , que Tacito conta abatida pelas guerras civís , e procurando o socego , não o via senão na concentração do Poder , a *França* correndo de precipicio em precipicio , devorada de males e desgraças , gemendo debaixo do terrorismo , quando pensou vêr a sua salvação na fórma do governo que destruiu , vio continuar os seus males pela má eleição que fez de Monarca.

Bonaparte nutrido com o empestado leite do Jacobinismo , e imbuido com taes principios , feito Imperador , a pezar de proclamar o contrario , praticou em tudo maximas tão abominaveis , que procurou levar a todos os Reinos , e cujo flagello chegando a Portugal o hía a reduzir ao ultimo estado de desgraça , se o Braço do Todo Poderoso lhes não dêsse forças para lançar fóra esse monstro de impiedade , que a nada menos tendia que a fazer , como elle , todo o Mundo Atheo.

Bonaparte em tudo praticava o Jacobinismo.

Visivelmente o Dedo de Deos esteve com os Portuguezes na occasião de obstar áquelle flagello terrivel , e sacudir o pezado jugo , com que Bonaparte os queria esmagar ; arvorando sem cabeça , e sem guia , por toda a parte , e quasi ao mesmo tempo o glorioso Estandarte

Deos he que dirige a R. s. a. de Portugal.

Restauração  
de Braga.

da Restauração, e da liberdade. Todos apenas correo a voz, que o General Francez *Quesnel* (1) tinha sido prezo pelos Hespanhoes no Porto, e que esta Cidade gozava já o bem de ser governada pelo nosso amado Principe, quizerão ser briosos, e cada qual primeiro desejava desfructar este bem, e romper os ferros da escravidão, em que gemia. O Porto, e Guimarães o fizeram no mesmo dia, e quasi na mesma hora sem saber hum da outra, concorrendo muito para isto nesta Villa, a pesar de varios obstaculos, que se lhe oppozerão, o Su-Chantre da Real Collegiada de Nossa Senhora da Oliveira, e o Conego Magistral Brêa, que alguns dias antes tinham preparado o Povo para esta funcção. Em Vianna foi feita no dia seguinte por Luiz do Rego, que foi o primeiro que levantou os *vivas*. E em Braga forão repetidos no dia 20 de Junho por Fr. Francisco de Senhora do Carmo (2), e Fr. Francisco da Conceição (3), que de Guimarães alli forão fazer a Restauração, entrando naquella Cidade com huma Bandeira arvorada, e logo forão seguidos pelo Povo, a quem deo calor a alegria e prazer, que o Excellentissimo Arcebispo Primaz mostrou nesta occasião, que provarão bem a sua fidelidade e patriotismo, tendo-o já antes manifestado, em mandar descobrir as Reaes Armas.

Restauração  
do Algarve.

A par destas, e das três Provincias do Norte hia o Reino do Algarve fazendo a sua Restauração, e sacudindo o pezadissimo jugo Francez. As mesmas Causas produzirão os mesmos effeitos: o amor á Patria, a fidelidade ao Principe, o affetto á Religião, e o odio fidal aos Francezes forão o motivo, que obrigarão aos Algarvios a restaurar o Governo Legitimo, e estes, que em outro tempo tinham lançado fóra os Mahometanos para acclamar o grande Affonso, mostrarão huma coragem prodigiosa, quando arrostando os Francezes, acclamarão o *Principe Regente o Serenissimo Senhor D. João VI.*

(1) A prisão deste General, foi o motivo que provocou a Restauração.

(2) Da Ordem de S. Jeronymo.

(3) Da Ordem de S. Francisco.

Por isto ficará memoravel nos faustos do Algarve o dia 19 de Junho de 1808.

O Marquez do Socorro já se tinha retirado com Retirada dos Hespanhoes do Aléu-Téjo, e Algarve. as Tropas Hespanholas do Aléu-Téjo e Algarve, chamado á Hespanha para fazer com ellas guerra contra os Francezes, e vingar esta perfidia que *Napoleão* acabava de fazer áquella Nação. Antes de partir de Setubal, onde tinha feito Quartel General, seus Soldados tinham acabado com os *Francezes*, que nesta linda Villa se achavão; e na sua marcha fizeram o mesmo a quantos *Francezes* encontráráo; batendo-os em toda a parte, que lhe offerencia a occasião. Livre então o Aléu-Téjo, e Algarve d'aquellas Tropas, que estavam auxiliadoras das *Francezas*, e animada a Provincia do Aléu-Téjo, e Reino do Algarve com o seu exemplo, podião sem susto derrotar o resto dos *Francezes*, e restabelecer o doce e suave Governo dos Braganças, nossos Legitimos Soberanos.

Desenganado *Portugal*, de que a *Hespanha*, tão longe de auxiliar a *França*, batendo-a já, pedia o nosso auxilio, opprimido das vexações, dos roubos, e tyrannias, que nelle se praticavão por hum Governo que não conhecia limites em todo o genero de maldades, e de desaforos; cançado já de soffrer, mostrou a sua raiva e vingança; e tão briosos, como os *Portuguezes* das Provincias do Norte, os do Algarve, e Aléu-Téjo quebráráo affoitamente as vergonhosas cadêas da escravidão *Franceza* tão atraçoadamente lançadas, fazendo ver ao Mundo que os *Portuguezes* são sempre os mesmos, e que a nobreza do seu character fiel e valoroso não soffre hum jugo Estrangeiro (ainda que não fosse como o *Francez*) senão em quanto não tem absolutamente remedio.

Estava acabado o terror panico, de que a *França* tinha enchido o Mundo, e os vencedores de *Marengo* (1) começavão a ser vencidos, e derrotados pelos *Hespanhoes*, e *Portuguezes*. Estes, e aquelles hião a fazer

(1) Assim chamava Bonaparte aos seus Soldados.

Causa commum, e derrotando o commum Inimigo da humanidade, acabar de desenganar os Conquistadores, e ambiciosos, de que as Hespanhas jámais se subjugão, quer seja por traição, quer por força. Como os outros Heroes (se he que este nome se deve dar aos Guerreiros, e principalmente a *Bonaparte*) tambem este havia nas Hespanhas perder o nome e a gloria, que a trombeta da fama tocada por seus Partidistas tão altamente apregoava, e fazia retumbar.

Reflexões  
sobre a conduta dos Ambiciosos, e meios, que tem empregado para fazerem as suas conquistas.

O nome d'elle será lido com mais horror, do que os d'aquelles ambiciosos, que a Historia conta, que para occultar huma usurpação, se tem valido dos nomes dos Soberanos naturaes d'hum Paiz, tem empregado os mesmos Magistrados, e normas estabelecidas, e deste modo tem pouco e pouco introduzido hum Dominio novo. Com estes artificios, e invenções da politica praticadas muitas vezes no Oriente, e no Occidente se tem enganado Povos inteiros, e senhoreado de vastos Estados. Assim o fez o Hespanhol *Jeronymo Cortez* para com o nome, e Ordens do Imperador *Montesuma* sujeitar os Mexicanos ao Dominio da Hespanha. E he o Systema, de que todos aquelles, que sendo mais habéis, do que os que querem subjugar se tem valido, quando não tem gente proporcionada á que lhe preciso para o fazerem por força.

Alargar a redea ás paixões, deixar reinar a sensualidade, promettendo que esta será satisfeita ainda na futura vida, que se vai passar nos Campos Elyseos, e n'hum Paiz delicioso com as mais bellas Damas: pintar sempre com palavras doces e consoladoras hum quadro de felicidades, que encante, e lisongee os sentidos, sem que os factos desmintão as palavras, e intimar estas como vindas do Ceo, mesmo he o rumo que seguiu *Mafo* para estabelecer o seu Imperio. Deste modo, e com aquella Politica se tem introduzido huma Religião nova, alargado Reinos, e arrastado muitos Povos ao precipicio, sem que conhecessem o erro, senão quando já não tinham remedio. *Bonaparte* porém excede a todos nos meios de traição, mentira, e crueldade, de que se tem

A traição foi sempre a arma de *Bonaparte*.



servido, cobrindo-os com o sagrado nome de *amizade*.

Que estes exemplos estejam sempre nos olhos dos Soberanos, e dos Vassallos, para que estes, certos no principio quasi infallivel, e que raras vezes tem falhado, que todo o Monarca, que não he da mesma Nação he Déspota, e Tyranno, não o consintão; nem abracem huma Religião diversa da do Evangelho, ainda que hum Anjo do Ceo lhe venha prégar; e para que aquelles não dem a sua confiança, se não a homens fieis a toda a prova, não consintão; jámais que alguém legisle no seu Reino, nem emprêguem tanto nas Dignidades da Igreja, como nos lugares Civis e Militares, Vassallos que sejam capazes de trahir a sua Pessoa, e a Nação; mas homens amantes da Patria, e fieis ao Monarca; e que regulando-se pelas Leis estabelecidas as observem a risca, e conforme as regras da Justiça, e da equidade. Se rivesse havido esta escolha e vigilancia, não terião os Soberanos da Europa perdido seus Thronos, e seus Vassallos soffrido tantos estragos e ruinas. Se hum *Mac* não fosse traidor, não teria a *Alemanha* sido assolada, nem a *Hespanha* soffrido o destroço e a mortandade, se *Godoy* não tivesse a confiança, e a amizade de seu Rei. O nosso querido PRINCIPE, e a sua Augusta e Real Familia não terião experimentado as tormentas do mar, e entre nós havido tanta desgraça; se em *Portugal* não houvesse tanto Partidista da *França*, e do seu impio e desaraçoado systema.

Os Apóxi-  
nados de Bo-  
naparte con-  
corrêrão  
muito para  
as desgraças  
das Nações.

He certo que hum tal systema, huma tão infernal Politica não podia ser de dura. *Bonaparte* era o homem mais louco que tem apparecido no Mundo. Engana-se de todo, todo aquelle, que pensa, que se pode governar por muito tempo hum Povo d'hum modo contrario aos seus interesses, e até mesmo aos seus prejuizos. Nem a isto deve servir de objecção o Despotismo do Oriente; porque este funda-se na educação, e despotismo domestico, que faz curvar aos Orientaes servilmente o collo ao pezado jugo dos seus Tyrannos; e he huma paixão dominante em todos os Povos da Asia e Africa, por cuja razão soffrem callados a escravidão, a que estão sujei-

Mão systema  
de Napoleão.

tos, e com mais facilidade supportão hum jugo alheio.

Não são assim os Europeos: costumados a Leis doces e suaves, amantes da sua independencia não soffrem por muito tempo os Tyrannos que lhe querem lançar cadêas, e tirar a liberdade. Muito menos poderião soffrer hum Dêspota caprichoso, que lhe queria dar leis ao gráo de sua vontade, sem que estas se fundassem no conhecimento do character dos Povos, a quem queria legislar. Mas como não havia assim de ser, se aquelle monstro era filho de huma Revolução? Estas tem produzido habeis Generaes, e grandes falladores; nunca porém fizeram Legisladores; antes a fermentação do Povo só fez dar os grandes lugares áquelles, que são menos capazes de os desempenhar, e como os Soberanos novos e sem experiencia, só emprega os adutores, e hypocritas: via-se isto na *França* em *Robespierre*, *Marat*, e outros; e ultimamente em *Bonaparte*.

Incapacidade de Bonaparte para legislar.

A Sciencia de legislar he a mais difficultosa: para este summo e importante emprego, quer-se não só hum genio vasto, mas até hum profundo conhecimento da Nação, ou Nações, a quem as Leis devem governar, e saber o que as interessa, ou causa prejuizo, o que he conforme, ou contrario ao seu character. Depois de Moyses, a quem o mesmo Deos deo a Lei que devia intimar aos Israelitas, vemos em toda a antiguidade os nomes dos Legisladores de *Esparta*, *Athenas*, e *Roma* olhados com huma veneração religiosa: isto nos faz ver a difficultade que se conhecia para exercer tão sublimes funcções, e suppondo-as inspiradas pelo Ceo, julgavão os antigos, que simples mortaes não erão capazes de fazer Leis, sem hum soccorro celeste.

*Bonaparte* ignorava totalmente taes principios, e presistindo, como presistia, em extinguir o Commercio, tinha hum obice poderosissimo a sustentar o seu Imperio na Europa. Esta no actual estado e pé, em que se acha, já não podia passar sem este grande canal, por onde corre a abundancia, e as riquezas, que fazem a gloria, a grandeza, e o augmento dos Povos, das Nações e dos Imperios. E se as outras Nações sujeitas ain-

da ao jugo da *França* o não tem quebrado, he porque nem esta, nem aquellas tinham sentido a falha total do Commercio, em razão da Bandeira Portugueza navegar livre até a entrada das Tropas Francezas em *Portugal*, e levar a todos os Reinos os generos, e mercadorias de que precisavão, e trazer os que nelles abundão; mas o seu proprio interesse as fará mais agora, mais logo tomar o partido que lhes convém. E já o terião feito, se o jugo de ferro, que soffrem ha tanto tempo, as não tivesse exaurido e assolado; e o mesmo succederia a *Portugal*, e *Hespanha*, se por mais tempo supportassem o infame cativo. Neste caso era mais difficil a sua liberdade, mas então a desesperação lhes daria forças para derrotar seus inimigos; assim como já fizerão no tempo dos *Romanos*, e dos *Sarracenos*.

Muito fieis ao seu malvado systema, e apressados em o pôr em prática, assenhoreando-se das propriedades acabando a Religião, e seus Ministros, matando os velhos e crianças, e transportando a mocidade fóra do Paiz natal, para servir aos projectos de seu Déspota, em todos os Reinos, onde entravão, se de repente o não fizerão em *Portugal*, foi, porque pertendião primeiro fazer-se Senhores da *Hespanha*, para a par desta dar aquelle o ultimo golpe. As medidas estavam tomadas. *Junot* foi buscar a casa do Barão de *Quintella*, como a mais rica da Nação para se hospedar, apenas entrou, e logo depois foi feito *Duque de Abrantes*, era sem dúvida para vir a ficar Senhor d'ella; assim como os outros Francezes das casas que habitavão; que por isto escolhião sempre as melhores, e gradualmente os Soldados virião a ser senhores das mais. E como Pretorianos, e mais Magistrados de Augusto, por quem este repartio as Terras das mais bellas Provincias da Italia, arrancadas aos seus proprietarios; que por isto interessavão de seu poder: os Ministros, os Generaes, e Soldados *Francezes*, erão como o seu verdugo, igualmente interessados nas chamadas *Conquistas* que fazião, e em lhe sustentar o Poder, para ficarem senhores das Pessoas e Propriedades. Todos sabem a origem dos Prazos: he o mesmo que nos havia acontecer.

Os Francezes não pozerão Portugal na ultima desgraça, porque estavam com os olhos na Hespanha.

Decreto im-  
pio de Bo-  
naparte.

Disse-se, (e he huma prova de tudo isto) que tinha apparecido hum Decreto de *Bonaparte a Junot*, em que lhe determinava mandasse matar todos os homes, e mulheres de 40 annos para cima, assim como todas as crianças de 7 para baixo: que todos os moços de 16 até 40 annos fossem remettidos á *França*; e que todos os *Francezes* tomassem conta das propriedades, e mulheres, ordenando, que as estereis fossem tambem mortas. Esta opinião já elle tinha manifestado em *França*, quando quiz e sustentou, que todas as mulheres infecundas devião ser mortas. Tão feroz como *Tiberio*, e como *Claudio* tão suspeitoso o Imperador *Corso*, queria acabar com o genero humano, desejando, como *Nero*, que elle tivesse huma só cabeça, para lha cortar de hum só golpe. E haveria ainda quem o seguisse, e acreditasse nas felicidades que elle promettia? Havia: porque haviaõ muitos malvados e materiaes, e só os desta tempera erão seus apaixonados. *Bonaparte* não faria, o que tinha feito, se não tivesse em todas as Nações hum partido de impios, como elle. Havião tirar bom pago!

He sobre a sagrada base, e eterno principio, que a conveniencia não he hum titulo, nem a força hum direito, que repousa a segurança dos Estados. E quando em abono desta Lei, a *Austria*, a *Russia*, e a *Prussia*, estando em plena Paz com a *Polonia*, repartirão este Reino; escrevem os Historiadores desse tempo, que ás gerações futuras lhe havia custar á acreditar semelhante coisa; a pezar das tres Potencias respeitarem o sagradissimo Direito das propriedades particulares, e não impõem Contribuições. E que dirão ellas de *Bonaparte*, quando lerem que em desprezo d'aquelle principio, e de todos os direitos das gentes, prezando só como licito a que lhe era util, proclamando amizade e ventura; não só desthronou os Monarcas, com quem tinha feito alliança, e os mais solemnes tratados; mas até roubou as propriedades dos Vassallos, e lhe impóz Contribuições horrorosissimas? E queria passar os seus bens, depois de resgatados á novos proprietarios? Que espanto não será ô seu, vendo que ainda elle tinha Partidistas?

Forão estes que concorrerão muito para a nossa desgraça, e a concluirão de todo, se não houvessem muitos *Portuguezes* fieis, cheios de honra e de Religião, que obsarão aos seus intentos. Houve quem se oppôz descaradamente ao restabelecimento do Governo Legitimo, e quem pertendeo se fizesse huma reclamação para pedir *Quesnel* ao Governo de *Galliza*, e o tornar a mandar para o *Porto*. Porém em quanto huns forjavão a nossa total ruina, outros procuravão a nossa liberdade, e ventura. Logo que se soube com certeza, que a *Hespanha* estava a bater na *França*, os *Portuguezes* honrados e fiéis ao seu PRINCIPE tomárão nova alma. E os de que fallo no I. Tomo, onde trato do ajuntamento que se fazia em casa do Desembargador *Botelho*, em cujo número entravão tambem o Desembargador *Gameiro*, e o Desembargador *Nuno de Faria da Matta e Amorim*, tratárão logo de fazer a Restauração, e tomavão medidas para se sahirem bem da empreza, e vencerem as difficuldades, que se podião oppôr.

Os Partidistas da França concorrerão muito para a desgraça de Portugal.

Houverão muitos que no tempo do intruso Governo mostárão sempre fidelidade e affoiteza. Entre estes se distinguio *José Joaquim Coiceiro*, pelo que lhe aconteceu com o Juiz de Fôra de Tentugal *Antonio Cardoso de Carvalho*. Dizendo aquelle publicamente, que S. A. R. fez mal em ir para o *Brazil*; porque ainda tinha Vassallos capazes de cortar as orelhas de *Junot*, e matar o ladrão de *Bonaparte*, e intentando influir os povos para se levantarem contra os *Francezes*; este Ministro lhe fez hum auto no dia 29 de Dezembro de 1807, pronunciou-o, e prendeo-o: remetteo deste huma Certidão a *Junot*, e outra ao Intendente Geral da Policia *Lucas de Seabra da Silva*, das quaes a primeira foi tirada das mãos de *Junot* por hum amigo de *Coiceiro*, e o mesmo amigo honrado, fiel e respeitavel *Portuguez* obteve do outro igual em sentimentos, *Lucas de Seabra*, que, a fim de valerem a *Coiceiro*, mandassem informar a segunda ao Corregedor da mesma Villa *Francisco da Cunha Coelho*, que informando o contrario, salvárão o homem, visto que o seu crime, era ser fiel, e amante de

seu Rei, e da sua Patria. Além da culpa que lhe formou, o sobredito Juiz de Fóra, metteo na enxovia *Coi-ceiro*, lançou-lhe ferros aos pés por suas mesmas mãos, e depois, sentando-o n'hum jumento, os fez andar pelas ruas d'aquella Villa entre Soldados da Cavallaria de Chaves que nella estavam aboletados.

Notavel Res-  
tauração do  
Algozo.

Houve o Juiz de Fóra de Algozo, *Manoel Joaquim Pereira Soares*, que nunca deo por Ordem de *Junot*: não cobrou a Contribuição, e quando o Corregedor da Comarca lhe disse: *Que tinha ordem do Governo Francez para informar sobre o motivo, porque assim obrava, e não cobrava a Contribuição*: começou a repartir esta com muitissima moderação, (alguns Ministros ainda a fizeram mais pezada pela brevidade com que a cobravão, e violencia que fazião áquelles, que a não podião pagar) e pegando no dinheiro que cada qual trazia do primeiro quartel, embrulhou-o em diversos papeis, em cada hum destes pôz o nome do sujeito a quem o dinheiro pertencia, e os foi guardando na sua gaveta. O mesmo fez ás pratas das Igrejas e Confrarias. He notavel o modo como este Ministro fez a Acclamação. Estava em Villa-Real, quando chegou a Ordem de *Sepulveda* para se restaurar o Governo Legitimo. Partio logo para Algozo, onde chegando quasi de noite, foi elle mesmo tocar o sino da Camara a rebate. Juntou-se logo todo o Povo a saber o que era: respondeo, *que no outro dia lho diria*. E ordenou que todos os homens se juntassem no outro dia pela manhã n'hum sitio que lhe determinou, junto á Villa. Mandou fazer hum jantar, e apenas estava feito, mandou arranjar os convidados, e começando-se a servir a meza, e lançar vinho, disse: *Que ninguém bebesse antes d'elle, e que todos havião beber á saude que elle fizesse*, e apenas disse isto, gritou: *Viva o PRINCIPE REGENTE Nosso Senhor, e morrão os Francezes*: todos repetirão o mesmo, com todo o prazer e alvoroço, atirando chapéos ao ar, etc. Depois mandou buscar os Decretos de *Junot*, que tinha debaixo da meza, declarou com acção o torpe uso que dellés se devia fazer, e logo dizendo para os circunstantes: *Vós bem sabeis que*

*eu nunca dei por semelhantes Ordens*: os mandou queimar. Seguiu-se a isto mandar buscar o dinheiro da Contribuição, que com as pratas das Igrejas e Confrarias entregou aos seus respectivos Donos. Deo logo ordens para que todos se armassem, e estivessem promptos para o que podesse acontecer; e mandou, que todos os Soldados, que tinham tido baixa pelo intruso Governo, se recolhessem sem demora aos seus Regimentos, que já se principiavam a organizar.

E houve em Faro hum valoroso e fiel Portuguez, *Bento Alves da Silva Canedo*, que traçou, e concluiu a Restauração do Algarve. Participando os seus nobres projectos a alguns amigos honrados, apalpou os sentimentos do Povo; e achando-os analogos aos seus intentos, escolheu hum homem affeito, e resolutos antes a morrer, do que entregar-se aos *Francezes*, a quem incumbio ir á torre da Igreja da Senhora do Carmo, para que começando por badaladas annunciadoras d'huma mulher afflicta com as dores do parto, que pede aos fieis lhe valhão com as suas orações, tocasse o sino a rebate para o Povo ir ás armas, e livrar a Patria da oppressão e cativoiro, em que estava gemendo. Estava elle em sua casa com *Francisco Tavares*, *Diogo José de Sousa Marinho*, *José de Sousa Coelho*, e *Simão Ramos*, aos quaes tinha communicado o segredo; e apenas ouve o sino, que tocou *Manoel do Nascimento*, apparecem logo no largo da Igreja, e logo se vem cercados de Povo, que não tardou ao chamado do rebate. E a par de *Morrão os Francezes*, gritando, *Viva o PRINCIPE de Portugal*: com estas vozes na boca, sahidas do coração, corrêrão aos Arsenaes, outros ao Paiol, e armados partirão a prender o General Francez *Maurin*, os Officiaes e mais inimigos, que tudo fizerão com feliz successo.

Quem fez a Restauração do Algarve.

Hum homem só he bastante para accender o enthusiasmo d'hum Povo fiel ao seu Principe, e muito principalmente, quando elle geme debaixo do ferreo jugo

(1) A este honrado Portuguez se deo hum Padrão dos assinalados serviços que fez.

d'hum Usurpador tyranno. Em pouco tempo a voz repetida em Faro, e entoada antes em Olhão, lugar distante de Faro meia legoa, pelo Coronel, e Governador de Villa-Real de Santo Antonio *José Lopes de Sousa*, que rasgando hum Edital em o intruso Governo convidava os Portuguezes a tomar armas contra os *Hespanboes*, disse: *Oh Portuguezes, já não merecemos este nome, e nada somos já*; ao que o Povo respondeo: *Somos ainda Portuguezes, e estamos promptos a morrer pela Religião, pelo Principe, e pela Patria*: e voou a Tavira, Loulé, Albofeira, Silves, e por todos os mais Lugares do Algarve, que mostrando o mesmo entusiasmo, valor, energia, e fidelidade, prendendo os *Francezes*, que nelles estavam espalhados, e dando vivas ao nosso Augusto, e amado PRINCIPE, e á Religião, jurarão o Povo, Nobreza e Clero defender, pondo as mãos sobre as peças d'Artilheria, até dar a ultima gota de sangue.

Os *Francezes* tentarão embaraçar esta acção gloriosa e honrada; mas forão valorosamente rechaçados, e muito principalmente em Olhão, onde perdêrão bastante gente, hum Obuz, muchilas, polvora, e mais munições de guerra; e os que escapárão, fugindo deste combate, matárão duas crianças, hum velho de mais de 100 annos, e huma mulher velha com a sua familia. Os fugidos, e debandados forão-se reunir em Mertola, aonde estava huma maior porção d'elles, que com a Tropa Portugueza do Algarve tinha ordem para marchar á *Hespanha*; porém ficárão logrados, e conhecêrão que estava chegada a hora do seu destroço, e que já ninguém queria a sua felicidade.

Com este nome lisongeiro era que *Nopoleão* pertendia illudir-nos; assim como no tempo da Republica era com a promessa da *liberdade*, que reduzião os Povos á escravidão e miseria. = Os *Francezes*, diz hum Escripitor, Senhores da Italia, reduzirão este bello Paiz a hum estado deploravel; mas se elles derrubárão Soberanias; se quebravão as antigas Leis e habitos antigos; se as necessidades das suas armadas aniquilavão o com-



mercio; a lavoura, e a industria, e fazião invisiveis os capitães; ao menos elles offerecião aos Povos a *liberdade* em recompensa dos seus sacrificios; e a esperança d'huma felicidade arredada temperava as angustias do tempo presente. = Os *Francezes* Republicanos com o especioso pretexto da *liberdade*, que se deve chamar huma pura licença, fazião o mesmo que os *Francezes* Monarquicos com o bello pretexto de *felicidade*, que era a mais triste desgraça. A differença era só de palavras. Que os Povos todos estejam sempre áleria, e olhem para estes exemplos, para não escutarem impostores, que com nomes lisongeiros, e quimericas esperanças pertendem erigir a sua grandeza sobre os estragos da humanidade, lançando-lhes duros grillhões, cuja força não conhecem, senão quando a não podem quebrar, ou lhes he muito difficultoso.

Feita a Restauração no Algarve, tratárão logo de fazer huma Junta (forão feitas muitas mais Juntas em diversas Villas, e Cidades de *Portugal*, das quaes não tenho feito menção, por estarem todas subordinadas á Junta do Porto, que reconhecêrão por Suprema, e foi tambem reconhecida por *Hespanha* e *Inglaterra*, e era a que dava Ordens, e mandava em todas as outras) de que foi Presidente o Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Conde de *Castro Marim*, Monteiro Mór do Reino, Capitão General, e Governador do Algarve. Este Illustré, e Sábio Portuguez sempre amante do PRINCIPE, e da Patria, que em 1801, quando a *França* nos braços da *Hespanha* trouxe a guerra a *Portugal*, e que não continuando com ella por fazer a Paz com *Inglaterra* (que era o pretexto com que invadio este Reino, por lhe não querer fechar os Portos aos *Inglezes*, persuadida, segundo huma Memoria de *Versalhes*, que dizia = O modo de obrigar os *Inglezes* a vir a huma Paz, e a Tratados reciprocos de Commercio com a *França*, e mais Nações, he dar *Portugal* á *Hespanha*, etc. = porém quem o offereceo tinha poucos conhecimentos sobre materias desta natureza) preparou a usurpação que agora effeituou: e sendo o Aléu-Téjo

invadido, não o foi o Algarve, em razão dos grandes talentos, e acertadas medidas que tomou este General; elle com o seu Exercito deteve além do Guadiana as Tropas Hespanholas; e no Combate que teve com estas, lançou por terra as Bandeiras de Aiamonte, matou o melhor artilheiro Hespanhol (por alcunha o *Fanguero*) e com mui poucas canhoeriras susteve mais de duzentas das Hespanholas que tinham vindo de Cadiz, e conservou o Algarve livre d'invasão até á Paz, que foi feita em Badajoz. Acções de valor que todos virão, e que me forão contadas pelo Desembargador *Joaquim Rodrigues Botelho*, então Provedor do dito Reino, que d'ellas foi testemunha (i).

Quem consolidou a Restauração do Algarve.

Foi elle que agora consolidou a Restauração do Algarve, tomando as mais justas e acertadas medidas para a defeza deste Reino, no caso d'alguma invasão, que os *Francezes* tornassem a intentar. Mandou, por estar perto, pedir armas a Aiamonte, que lhe mandou algumas, deo todas as providencias; e apromptou hum Exercito de Algarvios, e alguns Além-Téjanos com que marchou á Restauração da Capital; e ficando postado na margem esquerda do Téjo, estabeleceo o Quartel General na Villa de Almada. O temor desta Tropa impedio *Junot* de se retirar a Elvas, aonde tencionou recolher-se, e fortificar-se, levando consigo as riquezas e alfaias, que nos tinha roubado.

Por temor da Tropa do Algarve foi salva Setubal, e não fugio Junot para Elvas.

Foi tambem ao medo de que chegasse este Exercito a Setubal, que esta Villa deveo a sua salvação, quando estava em ponto de ser invadida, e a soffrer o saque, e a destruição, concorrendo muito para evitar estes males a feliz lembrança d'alguns de seus Cidadãos, que tendo em vista muitos estratagemas, com que muitos habeis Generaes tem espantado Exercitos, e vencido batalhas, e de que ha mil exémplos nas guerras dos *Romanos*, e *Carthaginezes*, sabendo do perigo, o precavêrão deste modo. Mandárão á noite illuminar toda a Villa, deitar

(i) O mesmo Excellentissimo Conde já se tinha distinguido muito na guerra do Rossilhão contra os Francezes.

foguetes ao ar, e repicar os sinos, como quem tinha noticias felices, e motivo d'hum grande alegria. Tudo isto, com a falta de dois Officiaes *Francezes*, que *Loyson* tinha mandado de tarde para averiguarem o estado de defeza e forças, em que se achava Setubal, e que forão mortos, lhe fizerão persuadir que nesta, ou já estava o Exercito do Algarve, ou estava a entrar; e como aquelle General só era valente com Povos desarmados, vendo isto fugio de Palmella, aonde estava, levando consigo o cruel pezar de não fazer o mesmo a Setubal, que tinha feito em Evora.

Esta Cidade fez a sua Restauração no dia 20 de Junho, e tomou as suas cautélas de defeza e segurança, ajudada pelo Excellentissimo General da Provincia do Aléu-Téjo *Francisco de Paula Leite*, e o Coronel Hespanhol *Federico Moretti*. Os Partidistas *Francezes*, entre os quaes tenha o primeiro lugar *José Paulo*, Corregedor da mesma Cidade, derão logo parte desta acção briosa e honrada a *Junot*, que determinou dar-lhe hum castigo exemplar. Para isto escolheu *Loyson*, como o mais capaz das maiores barbaridades; e este não escaramentado do que lhe tinha succedido, quando intentou, e se destinava vir ao Porto, donde não escapava mesmo antes de chegar, e caçado já dos Minhotos, já dos Trasmontanos, e já pelas Ordenanças de Penafiel e seus contornos, dos quaes foi feito General *José Monteiro de Vasconcellos Mourão*, porque sabia com prudencia e acerto dirigir as operações; e que fugio do Douro (1), onde até foi corrido ás pedradas, e felizmente levou com duas, mas não tão fortes e pezadas que o esmagassem; marchou sobre Evora com cinco até seis mil homens, entre os quaes contava 500 de Cavallaria, e bastante Artilheria. Chegou, mas foi desbaratado pelos Evorenses, pelo de Campo Maior e Castelhanos, que lhe destroçárão o Exercito, matárão muita gente, e ficárão com a victoria.

Restauração  
de Evora.

Combate de  
Evora.

---

(1) *Loyson*, quando foi atacado no Pezo, deo ordem para que esta terra fosse arrasada; mas suspendeo-a por lhe dizer *Miquellis*, que os Habitadores daquelle Lugar não erão culpados, pois o ataque não era feito por elles. Deste modo o salvou.

Entrada, e  
estragos que  
fizerão os  
Francezes  
em Evora.

Porém elle tinha huma reserva superior á Tropa, com que appareceo no Combate. A' vista desta, para quem erão pouquissimas as forças de Evora, se retirárão para a Cidade, deixando os *Francezes* senhores do Campo. Estes marchavão sobre a Cidade, na qual por mal guarneçada, entrou a Infanteria, ficando a Cavallaria a cerca-lá. Aquella correo logo ao saque, e á degolla pelas ruas, casas, e Templos, sem perdoar a velhos, meninos, ou mulheres; e com mais excesso a sua furiosa raiva descarregou sobre os Sacerdotes (1), e chegou ao Ex.<sup>mo</sup> D. *Jacinto*, Bispo do Maranhão, Prelado tão commendavel pelas suas Virtudes e letras; e tambem ás Religiosas, excedendo nisto aos *Vandalos*, que respeitavão, na torrente da sua barbaridade, as Virgens recolhidas no Claustro: elles já os tinham excedido no modo com que nos invadirão; pois aquelles, sahindo das florestas da *Scytia*, e Regiões do Setemptrião, entrárão como inimigos declarados, e estes como amigos.

Os Templos Sagrados, a que se recolhêrão os Evorenses, pensando que o respeito devido á Casa do Senhor os conteria, não tiveram privilegio para estes tygres. No seu recinto foi morta muita gente: as portas do Sacrario forão abertas a golpes de machados: as Sagradas Fórmulas forão calcadas aos pés: as santas Imagens forão despedaçadas, e roubados os Vasos Sagrados, depois de aqui mesmo forçarem mulheres honestas, e praticarem acções da mais desenfreada, brutal e escandalosa lascivia. Não parárão nisto tantos escandalos. Arrombárão as adegas; quebrárão talhas de vinho e azeite, e depois de bebados commettêrão ainda excessos mais abominaveis, trazendo huma mulher nua pelas ruas publicas, divertindo-se com os corpos mortos, e entrando a cavallo nas Igrejas. No fim de tanta mortandade, estragos e desacatos arvorárão huma Bândeira Franceza, es-

---

(1) Os Sacerdotes erão para os Francezes os mais temíveis, porque ao mando as ahiças, o seu exemplo animava muito os Povos contra aquelles monstros.

tabelecêrão hum Governo em seu nome, e partirão por Estremoz (1).

Em Béja houve igual desordem, e carnicaria feitas pelos *Francezes*, que estavam em Mertola, que marchando sobre aquella para obstem á sua Restauração, forão valorosamente rechaçados, e ella a concluiu, tirando forças e coragem do sangue e ruinas dos seus Concidadãos. Por isto menos feliz que Abrantes, onde a Restauração foi feita no dia 17 de Agosto por dois valerosos Clerigos, e muitos Paizanos Caçadores de Salvaterra e Monsanto, que matárão 30 Francezes, e apri-zionárão tres com o seu Commandante, sem que dos Portuguezes ficasse hum só morto, ou ferido. Acclamá-rão o *Principe Regente Nosso Senhor*, e portárão-se com tanta honra e desinteresse, que aproveitando-se só das armas, e alguns despojos, o dinheiro que lhe achá-rão o forão entregar ao Deposito para as despezas da Guerra.

Restauração  
de Abrantes.

Esta se fazia por toda a parte contra os *Francezes* com o mais vivo ardor, coragem e valoroso enthusiasmo; e não obstante os esforços que os Inimigos fizerão para conservar o seu despotico Governo, e impedir os esforços da bravura e fidelidade dos Portuguezes, estes sempre firmes na sua resolução, e confiados no Ceo, cuja Causa igualmente defendião, triunfarão de todos os obstaculos, e se preparárão para irem libertar Lisboa, que toda cheia de *Francezes* e *Afrancezados*, e cercada d'huma immensidade de *Espiões*, não podia sem o auxilio das Provincias sacudir o pezado jugo, e cruel ty-rannia da *França*.

O Povo da Capital em quanto *Junot* a habitou, sempre lhe mostrou aversão, e rancor aponto que nem o chapéo lhe tiravão, e lho derão bem a conhecer, quando na occasião dos Francézes arvorarem o Estandarte das tres côres, sobre o abatimento do Pavilhão, em que tremulão as Cinco Chagas, se levantarão con-

Só Lisboa,  
e parte da  
Estremadura  
estava por  
restaurar.

(1) Em Estremoz quebrárão todo o Armamento que havia, e o mesmo fizerão em Almeida, Lisboa, Elvas, etc.

Acção heroi-  
ca de D.  
Francisco  
d'Almeida.

tra elle, e sem dúvida lhe farião hum grande estrago se tivessem armas, e não concorresse a Tropa para os socegar. Por occasião deste levantamento obrou o Excellentissimo *D. Francisco d'Almeida* huma acção, que o cobrirá eternamente de benção, e de gloria. A este devem a sua vida mais de duzentos homens, que os Francezes querião fuzilar, reputando-os Cabeça deste chamado attentado contra elles. Já estayão, os chamados pelos Francezes *Rebeldes*, na Sala grande do Castello, cercados de baionetas, e ouvindo só : *Sejão fuzilados. Almeida*, a quem os Francezes não só respeitavão, mas até sempre temêrão, condoido de tal desgraça, affronta o apparatus medonho, salta ao meio do Tribunal horroso, advoga a Causa dos Réos, e lhes salva a vida.

Não restava já aos *Francezes* mais que Lisboa, e parte da Estremadura : era a quanto estava reduzido o seu Governo em Portugal, quando os Exercitos *Portuguezes* combinados com os *Hespanhoes*, e *Inglezes* a forão restaurar. Queria-se salvar a Capital, e poupar-lhe todo o estrago e ruina. Por esta razão se apromptou hum Exercito, que intimidasse o Inimigo a ponto, que conhecesse infallivel a sua perda, se intentasse resistir. Era o Exercito maior de 400000 homens, e destes o maior número erão *Inglezes*, que tinhão desembarcado huns na Figueira a 26 de Julho, outros no dia 22 de Agosto desembarcárão em Porto Novo ; mas só huma pequena parte destas Tropas todas entrárão em acção, ficando outra de reserva, e observação, que não foi preciso, em razão de *Junot* preferir huma Capitulação á derrota total do seu Exercito, que se lhe acceitou por não pôr Lisboa em perigo.

O Brigadeiro *Caetano José Vás Parreiras*, que com o Major *Manoel Velho d'Azevedo* tinha trabalhado na Restauração, e Segurança d'Aveiro, foi de Governador desta Cidade chamado para o Porto, e o ficou governando em lugar do Excellentissimo Marechal de Campo, e Governador das armas do Partido do Porto *Bernardim Freire d'Andrade*, que foi nomeado General em Chefe do Exercito Combinado. *Sir Arthur Wellesley*

era o General da Tropa Britanica. Partio aquelle do Porto no dia 3 de Agosto para o Exercito *Portuguez*, parte do qual estava em Coimbra, e outra marchava da Beira alta, e Tras-dos-Montes, commandada pelo Brigadeiro *Manoel Pinto Bacellar*, que tomou a ala esquerda, caminhando sempre pela margem direita do Têjo, e chegou até Villa Franca com o Marquez de *Valladares*, a cujas ordens estavam 2:000 *Hespanhoes*.

*Bernardim* depois de em Coimbra proclamar a sua Tropa, mostrando-lhe energica, e eloquentemente os troféos brilhantes, que lhes resultavão da destruição d'hum Inimigo, cujo character pérfido lhes era bem conhecido, começava a desfilar, e foi-se juntar com ella em Leiria, onde se encontrou com *Welleslei*, que partindo de Lavos no dia 9 de Agosto, a estava esperando nesta Cidade. Aqui fizerão suas disposições, e marchou *Welleslei* com o seu Exercito para Alcobaca, onde se lhe unirão 1:000 Fuzileiros, 400 Caçadores, e 300 cavallos de Tropa Portugueza; ficando o General *Portuguez*, e o seu Exercito acampados em Leiria, para observar o General *Loyson*, que com 6:000 *Francezes* estava na Serra de Minde, e se receava, que fazendo hum flanco marchasse sobre Coimbra. Mas sabendo da proxima chegada de *Bacellar*, marchou *Bernardim* para Alcobaca, onde, como em Coimbra, e mais partes, foi recebido com demonstrações da mais viva alegria, e onde os Monges de S. Bernardo hospedarão toda a Officialidade com huma grandeza e profusão, igual ao seu contentamento. Durante esta marcha, e já antes vierão fugindo muitos Soldados, e Officiaes *Portuguezes*, que estavam em Lisboa, para se unirem ao nosso Exercito contra os *Francezes*. De Alcobaca marchou o Exercito para a Villa das Caldas da Rainha, onde *Bernardim* fez Quartel General.

*Welleslei* marchando diante, e o Batalhão de Caçadores do Porto, commandado pelo Major *Manoel Velho d'Azevedo*, tinha feito em Obidos o seu Quartel, e a sua Tropa marchou para a Roliça, onde se avistou com o Inimigo, e tiverão o primeiro combate. Os *Francezes*, ou não suppondo tamanhas as forças que os hião

Batalha de  
Roliça.

atacar , porque as communicações estavam absolutamente cortadas, e a pesar das suas muitas diligencias nada podião saber, porque nada escapava ao vigilantissimo Povo do Porto: ou teimosos em sustentar a sua usurpação, não obstante o eminente perigo em que se vião; não desistio da empreza, tomando todas as medidas, que lhes promettião triunfos e victorias; tomando para este fim aquellas posições, que pela sua vantajosa superioridade, lhes facilitavão derrotar hum grande Exercito com muito pequena perda dos seus. Ha na Roliça huma Montanha, que por alta e escarpada torna o seu cume quasi inaccessible: esta lhe pareceo propria para as suas vantagens. No alto d'ella postárão tres peças d'Artilheria, e nas suas planicies estavam 4:000 Francezes, commandados pelos Generaes *Delaborde*, e *Thomiers*. Já se vê que n'huma tal posição se podião defender d'hum grande Exercito, e ainda com menor número, do que o da Tropa que tinhão.

Isto não obstante, forão derrotados, postos em fuga, e vencidos. Os *Portuguezes* e *Inglezes* obrárão prodigios de valor, e alcançárão huma victoria, que pela posição, em que se achava o Inimigo, se pode contar entre as maiores, e mais difficultosas de vencer. Os Caçadores Inglezes e Portuguezes atacárão o flanco esquerdo, e o derrotárão. Pela frente fizerão os Inglezes hum tão vigorosissimo ataque, que avançando mesmo por baixo d'Artilheria subirão ao cimo do Monte, e lhe tirárão duas peças; em quanto a columna da esquerda flanqueando os Francezes, e fazendo sobre estes o mais vivo fogo, os obrigou a retirarem-se em grande desordem, e a não o fazerem, serião todos feitos em pedaços pela Cavallaria, que lhes começava a rodear a ala direita. Forão ainda perseguidos até á Columbeira, onde perdêrão a terceira peça; colhendo os vencedores, por frutos desta acção heroica além das tres peças, 300 a 400 *Francezes* mortos, e 1:000 feridos; e entre os mortos ficou o General *Thomiers*. Dos *Inglezes* morrerão bastantes Soldados, e hum Coronel; e feridos ficárão mais de 200, que se vierão curar ao Porto.



Quando desembarcárão para serem conduzidos ao Mosteiro de S. Bento, que lhe foi destinado para Hospital, conhecêrão bem a amizade e gratidão dos Portuguezes pelos bons officios que lhes fizeram o Clero, e Nobreza, e Povo desta Cidade, indo muitos de cada huma das tres Classes buscar os feridos ás embarcações, e trazendo-os aos hombros para o Hospital; ainda mais se persuadirão, vendo que se não prestavão iguaes officios a alguns Francezes, que com elles vinhão misturados; pois ainda que a caridade não admitte distincção de obsequios, e principalmente em caso de molestia; com tudo fez-se differença de amigos a inimigos, para que elles conhecessem quanto nós eramos sensiveis aos socorros que nos prestavão, arriscando, e perdendo as suas vidas para nos ajudarem a libertar da escravidão destes nossos. Até o mesmo Excellentissimo Bispo tão caritativo, e politico indo-os visitar ao Hospital lhes deixou alguma quantia de dinheiro para tratamento destes nossos Alliados, em mostra de reconhecimento, e estima á Grã Bretanha, não obstante concorrer esta com tudo o preciso á sua Tropa.

Na Historia das batalhas se encontrão muitas perdas mais pela opinião que se forma dos contendedores, que pela força real dos Exercitos, que ainda sendo iguaes temem tornar a atacar aquelles, por quem forão já derrotados, e muito mais quando não tem forças sufficientes para se baterem. O Exercito vencedor ganha animo: o vencido, temendo tornallo a ser, desmaia, e não quer. Foi o que justamente succedeo aos Francezes, quando perdêrão a batalha da Roliça. Elles já tinham mostrado temer os Inglezes, quando no dia do *Corpo de Deos* em Lisboa, por se dizer, que estes estavam a desembarcar, desamparárão a Artilheria, que estava postada no Rocío para Salvar o Santissimo SACRAMENTO, e fugirão.

Porém *Junot*, que nas alturas d'Otta esperava a noticia do successo da Roliça, a pezar de ser tão desastrosa, e a pezar da desigualdade das suas Tropas, da derrota e desmaio, em que estavam, custava-lhe muito perder hum Reino, a quem deo Leis como Soberano; e não se quiz resolver a isto sem tentar segunda acção.

Como forão  
recebidos os  
Inglezes no  
Porto feridos.

Os Generaes, e os Soldados repugnávão (até constou que hum o quiz assassinar; mas noticiando o seu projecto ao General *Inglez*, este não quiz), pois já vião que não erão cem meninos perdidos, e huns poucos de Ecclesiasticos (1) indisciplinados, que hião combater; mas huma Tropa animosa, aguerrida, e bem disciplinada. Com tudo, a promessa que lhe fez d'hum saque de sete legoas em redondo, os obrigou outra vez a guerrear.

Na vespera da batalha mostrou *Junot* a maior fatuidade e atrevimento, que se tem visto: como contando certo o triunfo, mandou, pela futura victoria, illuminar a Villa de Torres Vedras. Distante desta meia legoa a Norte, formou o seu Campo com melhor de quatro mil homens, a cuja testa estavam *Loyson* e *Keller* e outros Generaes, que protegidos por 40 peças de Artilheria se dispozerão para o combate. Estavão estes collocados de modo que occupavão parte dos montes, que rodeavão os Exercitos *Portuguez* e *Inglez*. Este grande de 15:000 homens, dos quaes só 5:000 entrarão na acção, tinha a ala direita na praia de Porto novo, junto á Maceira; e a esquerda pousava ao pé da Capella de Vimeiro. O Combate começou pelas nove horas da manhã no dia 21 de Agosto. O primeiro impeto dos Francezes foi furioso; porém o do Exercito Combinado ainda o foi mais: resistio-lhe firme; e ganhando terreno pouco e pouco, desalojou o Inimigo dos seus postos, e ficou com a victoria.

Grande parte desta se deve aos Regimentos *Escocez*, e *Caçadores*, que tomárão seis peças, e algumas Bandeiras; e tambem aos Artilheiros *Portuguezes*, e a 60 Guardas da Cavallaria da Policia da Corte, que para nós tinhão fugido; a salvação da bagagem foi feita por huma columna *Portugueza*, que cahindo sobre os *Francezes*, que a querião tomar, os fez fugir; ficando os loiros desta acção adornados com 6:600 *Francezes*, con-

---

(1) Assim dizia *Junot* em Lisboa, que era composto o Exercito que hiã restaurar a Capital.

tando Generaes, Officiaes, e Soldados, entre mortos, feridos, e prizioneiros: 28 peças de Artilheria, e hum rico despojo de prata, oiro, dinheiro, Vasos Sagrados, e coroas de Santos; pois os *Francezes* quando partirão de Lisboa para esta acção, trouxerão as riquezas, que nos tinham roubado, com animo de, se podessem, se irem recolher á Praça d'Almeida, já que o não tinham podido fazer á de Elvas; ou porque erão huns refinadissimos ladrões, trazião, a maneira destes, comsigo todo o precioso. Os *Inglezes* perdêrão nesta luta sanguinosa 500 a 600 homens, entre mortos e feridos. Dos *Portuguezes* ficárão 20 feridos e 4 mortos.

*Junot*, que a alguma distancia, cercado de tres mil *Francezes*, esteve vendo o combate, vendo o destroço da sua Tropa, fugio para Lisboa. No dia seguinte o General Inglez *Wellesley*, e o *Portuguez Bernardim*, que áquelle se unio nes e mesm. *Junot* dispozêrão para hum combate geral, e decisivo *portuguez*, quando tratavão disto, chegou o General *Francez Kellermann* a pedir suspensão d'armas para entrarem em Capitulação, Junot pede Capitulação. que aquelles acceitárão para evitar a ruina de Lisboa, e effusão de sangue: e para poupar vidas, certos, como *Turena*, que são precisos 30 annos para formar hum homem.

A Capitulação foi tratada entre o General *Francez*, e o Inglez *Dalrimple*; mas os ajustes, que fizerão entre ambos, não forão manifestos á Nação, e só apparecêrão nas Gazetas de *Inglatterra* e *Hespanha*, como tambem o protesto que contra ella fez o General *Bernardim Freire d'Andrada*. Não sei se são os mesmos, e por isso aqui os não refiro. Murmurou-se muito d'ella, e mesmo em *Inglatterra* houve grande descontentamento. Cada qual formava discursos a seu grado. Huns dizião: *Que ella fôra bem feita, para salvar Lisboa*: outros não estavam por isto, e querião *que se perdesse Lisboa, e salvasse a honra da Nação*: estes culpavão huns, aquelles desculpavão outros, sem ninguem acertar o que seria melhor em taes circunstancias. Eu que não sei a razão que os obrigou a obrar, suspendo o meu juizo;

mas sempre me inclino a dizer, que, para se salvar a Capital, se devião fazer alguns sacrificios; porque a Tropa inimiga era muito numerosa, e esta, contando certa a sua perda, não reparavão involver na sua destruição, a de Lisboa.

No meio de tudo isto, pelo que se vio, a Capitulação foi vantajosa aos *Francezes*; e estes, que tinham roubado Templos, commettido desacatos, matado gentes, e saqueado Cidades, Villas e Aldêas, que erão ladrões, sacrilegos e traidores, e que por isto devião ser entregues aos Juizes, para lhes darem, segundo as Leis, o castigo devido a taes crimes; que sem declararem guerra, mas proclamando amizade, invadirão *Portugal*, e o tomárão: não obstante as Capitulações nascerem das guerras justas, ou injustas; e o injusto Aggressor, succumbindo de facto ás suas ruinas, dever pagar os prejuizos que quiz fazer; ou tinha feito; não obstante tudo isto, capitularão como guerreiros, e sahirão com as honras da Guerra.

Com tudo, em virtude da Capitulação foi navegando para Inglaterra huma Esquadra Russiana, composta de onze vélas, que ainda antes da invasão dos *Francezes*, com o pretexto de se reparar dos estragos do mar, tinha entrado na barra de Lisboa com Tropa de desembarque. Nunca se soube ao que veio, se bem que huns dizião: *Que era para conduzir Delabord ás Americas, para estas se lhe entregarem por huma Ordem, que para isto tinha Junot tenção de extorquir do Nosso Principe*: outros affirmavão: *Que estava a espera de vinte e cinco milhões de cruzados, que Bonaparte ajustou com o Imperador da Russia Alexandre I. dar a este Monarca, quando fez a Paz de Tilsit*. Se não fosse esta Paz, onde Bonaparte illudio Alexandre, quando este estava a ponto de o esmagar, não teria a Europa, e principalmente *Hespanha e Portugal* passado pelos estragos, mortes e desordens, que tem soffrido.

Em consequencia da mesma Capitulação todos os *Francezes*, que estavam em *Portugal*, devião evacuar este Reino, e forão transportados em embarcações Ingle-

zas. Neste número são incluídos os que occupavão as Praças de Elvas e Almeida, que se não tinham querido render; não obstante terem os desta Fortaleza sido sitiados por hum batalhão de Milicias de Chaves, commandado pelo Tenente Coronel *Francisco Homem de Magalhães Pizarro*, e pelo Capitão Mór d'Armar com as suas Ordenanças, e pelo Capitão *José Alves da Silva* com hum destacamento de 80 homens do Regimento N. 12, que lhe fizeram grande estrago em diversos encontros que com elles tiveram, até que vendo, que não tinham partido, se recolhêrão dentro dos muros, e até não ouzavão deitar a cabeça fóra delles para lhes não ser forada com alguma balla, que os sitiantes á mira destramente lhe enviavão. A estes tambem deveo a Villa de Trancoso o ser livre do sangue, e destroço.

Durante o sitio d'Almeida fizeram os Francezes alguma sortidas, em que roubárão algum gado; mas não com tanta abundancia, que se não vissem (e mais os moradores da Praça) reduzidos a huma triste penuria, a pontos de comerem gatos, cães, e até comerião os cavallo, se por mais tempo se demorasse o cerco. Logo que este começou, mandou o Governador *Guipin* pôr fóra todos os Ecclesiasticos, privando os moradores da Missa, e de todos os Offícios da Igreja, de sorte que o Juiz de Fóra *João Bernardo de Magalhães* ajudou a bem morrer hum homem. Obrigou hum Clerigo a consumir as Sagradas Fórmulas depois de ter jantado. Das Vestiduras Sagradas, e ornamento da Igreja mandou forrar fardas (em algumas partes os *Francezes* até vestirão com Cazulas, e Dealmaticas os cavallo, e os levárão a beber) e roubou todos os Vasos Sagrados, depois de ter mandado matar, e roubar o Paroco d'Almeida n'huma quinta, para onde este se tinha retirado, quando *Guipin* o mandou pôr fóra.

Successos  
d'Almeida.

Eis-aqui como este fanatico sanguinoso, que na sua chegada a Almeida affectava hum profundo respeito, e séria devoção, quando estava no Templo, e assistia aos Sagrados Mystérios, tirou a mascara, com que cobria hum coração ferino, e huma alma sacrilega. O bravo

*Quesnel* ( assim o chamava *Junot* ) tambem , durante a sua estada no Porto , hiá algumas vezes á Missa , e nas grandes solemnidades da Pascoa , e Espirito Santo hia com o Corregedor Mór , e Delegado da Policia á Sé assistir ao Pontifical , e toda esta hypocrita quadrilha , para affectarem crença na Religião Catholica , e seus adoraveis *Mysterios* , pensando assim illudir o Povo , tinha a escandalosa impudencia de se apresentar no Santuario , e receber suas honras , e incensos ; porém como o seu coração era de todo alheio de Deos , as acções e modo com que assistião ás Santas ceremonias e Sacrificio mais augusto , davão bem a conhecer , não só a sua falta de fé , mas até a sua baixa e péssima educação ; dizendo todos á boca cheia : *Que elles hião insultar a Deos n'aquella mesma Casa , em que se lhe devia tributar mais respeito , mais reverencia e acatamento.* Mas que muito , se das Igrejas fizerão muitas vezes cavalherices ? Iguaes insultos praticou *Junot* em Lisboa , quando foi á Patriarcal : sendo todos estes procedimentos para os Portuguezes motivo de mofa , e zombaria ; porque os factos impios , e escandalosos , que os Francezes praticavão , os desenganava assás , que aos olhos destes a Religião era huma quiméra , a Divindade hum fantasma , e as Virtudes todas nomes ôcos , que nada significavão.

Tyrannias  
dos France-  
zes.

Durante o mesmo cerco d'Almeida , tinha hido a esta Praça hum Almocreve , que espalhou a noticia da Restauração de Lisboa ; mas apenas a soube o Governador *Guipin* , mandou prender o dito Almocreve , e lhe mandou metter as mãos , e os pés em chumbo derretido. Que barbaridade ? Outra igual , e maior praticarão os Francezes , que passarão por Aljubarrota e Alpedrinha : aqui queimárão hum Boticario : alli e em muitas mais partes , outros Canibais , espetavão com as baionetas as crianças que encontravão , e arrancavão dos braços das mãis , e as levavão penduradas nas pontas : chegarão até a rasgar a barriga a huma mulher pejada , e arrancar-lhe o fruto do ventre. Desflorárão outras , e matárão-as logo. Calamidades crueis ? Ninguem mais as veja.

Os Francezes , que estavam em Elvas , forão condu-

zidos a Lisboa, andem armados, e da mesma maneira que a desta Capital sem susto, nem obstaculo. Não succedeo porém o mesmo aos que vierão d'Almeida para embarcar no Porto. O Povo desta Cidade, a quem juntamente com os Artilheiros se deve a Restauração de Portugal, e na qual, além dos mencionados no primeiro Tomo, tanto se distinguirão *Joaquim José Moreira*, Capitão do Couto de Campanhã, que apenas se repetio: *Viva o Principe de Portugal*, correo buscar a Bandeira da sua Companhia, que arvorou, e logo depois passou a tirar huma peça d'Artilheria, que conduzio ao sitio da Bandeira, mostrando-se infatigavel em tudo que era trabalhar na feliz obra da Restauração: *Antonio Augusto Carneiro Borges*, que fez o mesmo, esteve commandando as peças postadas em Vallongo, e foi Commandante d'hum parque d'Artilheria no Exercito de Bacellar; *Francisco Luiz Senra*, e *Antonio Ferreira Carneiro*, dos quaes o primeiro tirou por huma peça, e o segundo andava pelas ruas a acclamar o *Principe Regente*, e foi á testa d'hum troço de gente esperar os Francezes; este Povo, abrazado no Amor mais ardente pelo seu Principe, e pela sua Patria não podia ver coisa alguma que a este fosse desairosa; e parecendo-lhe muito mal que os Francezes sahisses armados, e levassem as nossas riquezas, fez alguns esforços para obstar a isto, e passaria a maiores excessos, se não fosse o respeito, estima e amizade que consagravão á Grão Bretanha, debaixo de cujas Bandeiras estavam abrigados os Francezes.

Chegarão estes no dia 9 de Outubro: então o Povo se alvoraçou, e pertendeo que se desarmassem, mas elles resistirão a esta pertençaõ, cuja resistencia augmentou tanto o furor dos *Portuenses*, que por força o hirião fazer, sem receio dos desastres que podião acontecer, se o Excellentissimo Bispo com a sua natural, e bem conhecida prudencia, não procurasse por meios amigaveis, e politicos satisfazer aos *Portuenses* sem escandalizar os *Inglezes*, indo elle mesmo, e mandando Ministros habeis, como o Desembargador *Gameiro*, e o Desembargador *João José de Abreu*, que intimassem aos Fran-

O que aconteceu no Porto, quando chegarão os Francezes d'Almeida.

zes a vontade do Povo, a cuja não satisfazendo, serão infallivelmente todos mortos. Então aquelles entregarão as armas, e manifestarão tudo o mais que levavão.

Vio-se então de quanto he capaz hum Povo generoso, e que timbra de zelar a honra da sua Nação, e do seu Soberano. A pezar da raiva que tinham aos Francezes, e dos roubos e escandalos, que tinham tão descarada e atrevidamente perpetrado, consentio que se lhe desse toda a roupa que trazião, e que de mais a mais lhe deixassem 3200 ou 6400 para gastos; mostrando neste lance o character Portuguez, que não obstantes as injurias que lhe tinham feito os Francezes, se esquece logo, que está vingada a sua honra e valor.

Junta de Re-  
clamação.

Antes da sahida dos *Francezes*, e logo depois da Capitulação, foi estabelecida em Lisboa hum Junta composta de tres Deputados, que erão *Antonio Rodrigues de Oliveira*, o Tenente Coronel *Trant*, e *Monsieur Debluir*, para a esta se ir reclamar toda a qualidade de propriedade confiscada, ou usurpada pelos Francezes; como tambem tudo quanto nas mãos destes se achassem, tanto dos Palacios Reaes, como dos Museos, e Bibliothecas públicas.

(1) *Junot* em fim perdeu o Governo de Portugal,

(1.) Huns dizem que este General era Cabellereiro, outros Letrado: fosse o que fosse: he certo que a hum lance da fortuna deveo a elevação que gozou. Assentou-praça no tempo da Revolução, e sendo preciso a Bonaparte, n'hum batalha que estava dando na Italia, mandar hum ordem por escrita, casualmente chamou Junot para a escrever, o que fez sobre hum tambor; ao finalizar a escrita bateo hum bala ao pé deste, e lançando muita poeira cobrio o papel, vendo isto Junot disse para Bonaparte — Veio a tempo, que nos poupou arêa. — Bonaparte gostando do dito, e admirando de passo a firmeza do Soldado, que vio cair a bala sem se assustar, fe-lo logo Official: acompanhou-o na expedição do Egypto, e na volta nomeou-o Governador de Paris; cujo emprego tambem Bonaparte tinha occupado, na qual se tinha feito célebre por ter mandado matar n'hum dia mais de 15:000 pessoas, e arrazar bastante parte da Cidade. Se bem que não he o nascimento, mas o merecimento, o talento, e a virtude, que fazem o homem credor do respeito e estima, e digno de occupar os empregos, as honras, e as dignidades. Os Generaes Francezes, que vierão a Portugal, não tinham nem nascimento, nem merecimento, nem educação: parece, e com effeito erão extrahidos da derradeira féx dos homens; e pelo que praticarão, se fazião o desprezo da humanidade, e abortos da natureza.



e com este o Ducado d' *Abrantes*, com que *Bonaparte* premiou a victoria, que este disse na *França*, conseguirão, e alcançarão as armas *Francesas* sobre as armas *Portuguezas* na batalha de *Abrantes* (1), quando entrãrão em Portugal, e tomãrão este Reino.

Foi logo restabelecida a Regencia que S. A. R. deixou, cujas funcções estiverão supprimidas desde o primeiro de Fevereiro de 1808, por causa do Dêsotismo d'aquelle intruso Governo; porém não forão todos os nomeados pelo *Principe Regente*, que tornãrão a governar. Sua Alteza Real tinha nomeado, para na sua ausencia governarem este Reino, o *Marquez de Abrantes*, o Tenente General *Francisco da Cunha de Menezes*, o *Principal Castro*, que fez tambem Regedor das Justiças, *Pedro de Mello Breyner*, que serviria tambem de Presidente do Erario, e o Tenente General *D. Francisco Xavier de Noronha*; e para Secretarios o *Conde de Sam Paio*, e o Desembargador do Paço; e Procurador da Coroa *João Antonio Salter de Mendonça*; nomeando tambem na falta d'algum d'aquelles Governadores, o *Conde de Castro Marim*, que devia tambem exercer o emprego de Presidente do Senado da Camara; e na falta d'algum dos Secretarios, nomeou *D. Miguel Pereira Forjás*. E deo faculdade aos Governadores para que faltando algum, elegessem aquelle que julgassem mais capaz, e digno de hum tão alto e importante Lugar.

Deixãrão pois de Governar o *Marquez de Abrantes*, Restabelecimento da Regencia. porque estava em *França*; e o *Principal Castro*, *Breyner*, e o *Conde de Sam Paio*, por terem servido os *Franceses*, e se julgarem suspeitos d'adhesão aos mesmos; por cujo motivo não se podia ter nelles aquella confiança, que sempre he preciso tenham os Povos nos que governão, e muito principalmente nas tão críticas circumstancias, em que Portugal se achava; a fim de evitar as suspeitas e desordens entre o mesmo Povo, quasi certas,

---

(1) Batalha que nunca houve, nem em *Abrantes* estava Tropa Portugueza, quando, os *Franceses* entrãrão.

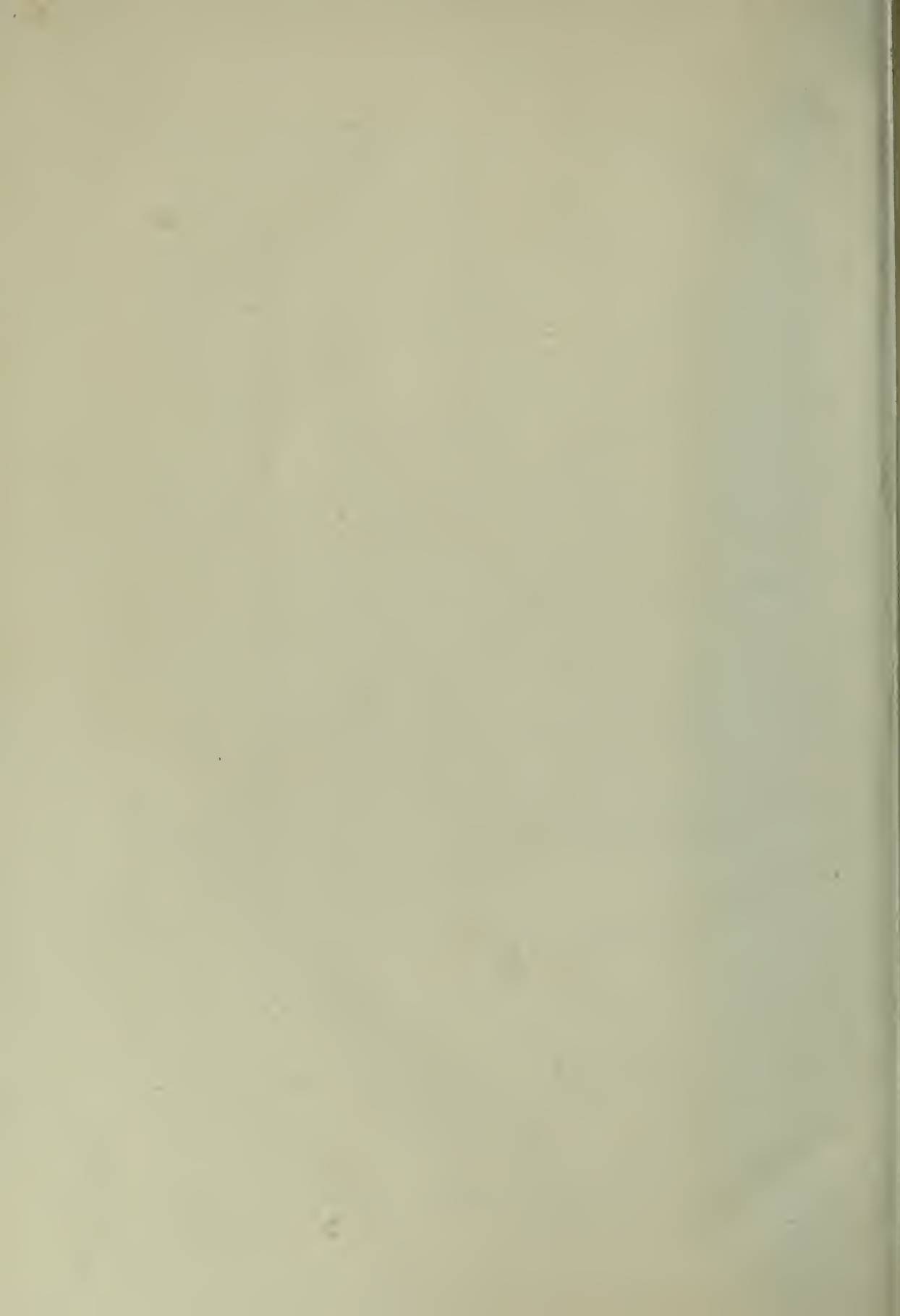
quando este não confia, e se persuade, que os que estão á testa do Governo, e dirigem os negocios são fiéis ao Principe, amantes da Patria, sábios e desinteressados, prudentes, e capazes de dar huma plena satisfação e conta das coisas de que estão encarregados; mantendo a ordem e harmonia, administrando rectamente a Justiça, premiando a virtude, e castigando os criminosos sem se embarçarem com as pessoas, ou attenderem a qualidade ou grandeza; mas só olhando aos merecimentos, ou faltas para lhe darem a recompensa, ou o castigo.

Todos estes dotes relevantes, e preciosas qualidades se achárão nos Excellentissimos *Francisco da Cunha e Menezes*, e *D. Francisco de Noronha*, que com o Illustrissimo *João Antonio Salter de Mendonça* tornarão logo a governar, e usar das faculdades que S. A. R. lhes deixou: chamarão para Companheiros outros iguaes a elles em virtudes e talentos, que forão, os Excellentissimos *Conde Monteiro Mór*, o *Marquez das Minas*, e o *Bispo do Porto*, que tanto se distinguio na feliz obra da Restauração, e que com seus gloriosos trabalhos e fadigas com acerto a dirigio, e consolidou. Em lugar do *Conde de Sam Paio*, foi chamado para Secretario o Excellentissimo *D. Miguel Pereira Forjás*.

Depois de nove mezes d'hum Governo o mais tyrano, e despotico que se tem visto, tornou *Portugal* a ser Governado pelo seu Adorado e Legirimo Soberano.

*Fim do Segundo Tomo.*









DC            Soares, Joaquim  
231            Compendio historico dos  
S6            acontecimentos mais celebres

PLEASE DO NOT REMOVE  
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

---

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

---

UTL AT DOWNSVIEW



D RANGE BAY SHLF POS ITEM C  
39 09 23 03 03 001 1